



**ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

MARÍLIA ALVES DA ROSA

**A RELAÇÃO ENTRE JORNALISMO LITERÁRIO AVANÇADO E UNIVERSO
FEMININO, A PARTIR DA PRODUÇÃO DE PERFIS JORNALÍSTICOS**

**CAXIAS DO SUL
2019**

MARÍLIA ALVES DA ROSA

A RELAÇÃO ENTRE JORNALISMO LITERÁRIO AVANÇADO E UNIVERSO FEMININO, A PARTIR DA PRODUÇÃO DE PERFIS JORNALÍSTICOS

Monografia de conclusão do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista

**CAXIAS DO SUL
2019**

MARÍLIA ALVES DA ROSA

A RELAÇÃO ENTRE JORNALISMO LITERÁRIO AVANÇADO E UNIVERSO FEMININO, A PARTIR DA PRODUÇÃO DE PERFIS JORNALÍSTICOS

Monografia de conclusão do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel.

Aprovado em: ____/____/____

Banca examinadora

Prof.^a Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof.^a Ma. Ana Laura Paraginski
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof.^a Ma. Marliva Vanti Gonçalves
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Dedico este trabalho às mulheres que com extrema bravura, lutam por uma sociedade justa e igualitária. Especialmente à mulher mais importante de minha vida, minha mãe, Nair Tereza Stein.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus e ao universo, que conspirou ao meu favor, dando a oportunidade de conhecer pessoas iluminadas.

A minha mãe, Nair Tereza Stein, que lutou com unhas dentes, para que nada faltasse. Serei grata pelo resto de minha vida, por todos dias, faça sol, faça chuva, ter me esperado na parada de ônibus, ao voltar da faculdade. Mãe, te amo com toda sensibilidade de minha alma!

Ao meu irmão, Gui Alves. Sem ele, dificilmente teria chegado até aqui. Exemplo de um homem sensível e amoroso. Orgulho meu!

As minhas irmãs, Marilei e Andreza, que são minhas maiores inspirações. Desde criança, sonhava em ser forte, assim como elas são.

A minha orientadora, professora Malu Cardinale, que mostrou o caminho da pesquisa e, também, me orientou nas escolhas rumo à felicidade. Sou grata, por acreditar em mim.

Ao AMORCOMTUR, por me ensinar a importância da palavra encontro, e por me ajudar a compreender que a pesquisa começa dentro de nós.

Aos meus amigos que confiaram em mim e, que mesmo afastada, não se esqueceram da amizade, um só dia.

Às mulheres que contribuíram neste trabalho, compartilhando de suas experiências. Desejo que a força dessas mulheres esteja presente na mensagem transmitida.

“Como contadora de histórias reais, a pergunta que me move é como cada um cria sentido para os dias, quase nu e com tão pouco. Como cada um habita-se. Esta é a minha memória. Dela eu sou aquela que nasce, mas também sou a parteira”.

Eliane Brum

RESUMO

A presente pesquisa é um estudo sobre a relação entre Jornalismo Literário Avançado e o Universo Feminino, a partir da produção de perfis jornalísticos. Teve como objetivo analisar a relação entre Jornalismo Literário Avançado e o universo feminino, a partir da produção de perfis femininos. Para trilharmos por este caminho, propomos a metáfora da ciranda, como sinalizador de aberturas e entrelaçamento no mundo da pesquisa e do Jornalismo. O trabalho de campo foi baseado em entrevistas sobre mulheres e suas histórias de vida. Os referenciais teóricos são transdisciplinares; portanto, as trilhas dos saberes representam o encontro com autores que trabalhem conceitos de comunicação, narrativa jornalística, jornalismo literário avançado e universo feminino. Em relação às estratégias metodológicas, a pesquisa tem como orientação qualitativa, de cunho exploratório. O desenvolvimento deste trabalho tem como orientação a Cartografia dos Saberes como guia operacional metodológico deste estudo. Neste estudo, foi realizado um levantamento bibliográfico teórico, associado aos relatos de perfis femininos, guiados através de entrevistas livres. Em termos de resultados, foi possível perceber que todo jornalista é um contador de histórias, então, navegar nas narrativas sobre mulheres é, sem dúvida, conhecer o lado mais sensível da humanidade. Os relatos dos perfis demonstram a sensibilidade desse universo, a profusão de pautas sinalizada e o convite ao exercício do Jornalismo, como mergulho no encontro.

Palavras-chave: Jornalismo Literário Avançado. Universo Feminino. Narrativa Jornalística. Mulher.

RESUMEN

La presente investigación es un estudio sobre la relación entre periodismo literario avanzado y el universo femenino, a partir de la producción de perfiles periodísticos. Tuvo como objetivo analizar la relación entre periodismo literario avanzado y el universo femenino a partir de la producción de perfiles femeninos. Para encaminarnos por este camino, propones la metáfora de ciranda, como señalizador de aberturas y entrelazamiento en el mundo de la investigación y del periodismo. El trabajo de campo fue basado en entrevistas sobre mujeres y sus historias de vida. Los referenciales teóricos son transdisciplinarios; por lo tanto, los caminos del saber representan el encuentro con autores que trabajen conceptos de comunicación, narrativa periodística, periodismo literario avanzado y universo femenino. En relación las estrategias metodológicas, la investigación tiene como orientación cualitativa, de cuño exploratorio. El desenvolvimiento de este trabajo tiene como orientación cartográfica del saber como guía técnica de este estudio. En este estudio, fue realizado un levantamiento bibliográfico teórico, partiendo de relatos de perfiles femeninos, guiados a través de entrevistas libres. En términos de resultados, fue posible percibir que todo periodista es un contador de historias, entonces, navegar en las narrativas sobre mujeres es sin duda conocer el lado más sensible de la humanidad. Los relatos de los perfiles demuestran la sensibilidad de este universo, la profusión de pentagramas señalizados y la invitación al ejercicio del Periodismo, como buceo en el encuentro.

Palabras-claves: Periodismo Literario Avanzado. Universo Femenino. Narrativa Periodística. Mujer.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Escrita Pictográfica 1	22
Figura 2 – Escrita Pictográfica 2	22
Figura 3 – Escrita Cuneiforme	23
Figura 4 – Evolução do Livro	25
Figura 5 – Gutenberg e a Imprensa	27
Figura 6 – Gazeta do Rio de Janeiro	31
Figura 7 – Correio Braziliense	31
Figura 8 – Revista Ilustrada	32
Figura 9 – The Yellow Kid	34
Figura 10 – A Turma do Pererê	35
Figura 11 – Câmara Escura	36
Figura 12 – Cinetoscópio	37
Figura 13 – Cinematógrafo dos Irmãos Lumière	38
Figura 14 – Rádio	39
Figura 15 – Televisão	40

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: A CIRANDA JÁ VAI COMEÇAR, ENTRE NA RODA	12
2	ASPECTOS METODOLÓGICOS: O FLORESCEM DA PESQUISA	15
2.1	ESTRATÉGIA METODOLÓGICA	15
2.2	DOS SABERES TEÓRICOS ÀS PRÁTICAS	17
3	ASPECTOS HISTÓRICOS DA COMUNICAÇÃO: COMO TUDO COMEÇOU	20
3.1	PRÉ-HISTÓRIA: PRIMEIROS SINAIS DE COMUNICAÇÃO	20
3.2	OS PRIMEIROS SISTEMAS DE ESCRITA	21
3.3	ELITIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO	24
3.4	DAS ESCOLAS ÀS UNIVERSIDADES	25
3.5	O APERFEIÇOAMENTO DA IMPRENSA	26
3.6	IMPRESA ATÉ GUTENBERG	26
3.7	TEMPOS MODERNOS E A COMUNICAÇÃO: DEPOIS DA TIPOGRAFIA, A PROPAGAÇÃO DE IDEIAS (1436)	27
3.8	INSTINTO JORNALÍSTICOS: OS NOVIDADEIROS	28
3.9	BRASIL COLÔNIA E A IMPRENSA (1808)	29
3.10	RUMO À INDEPENDÊNCIA, SEM LIBERDADE DE EXPRESSÃO (1820) ..	30
3.11	A INDUSTRIALIZAÇÃO DA IMPRENSA	32
3.12	COMUNICAÇÃO EM QUADRINHOS (1895)	34
3.13	HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO BRASIL (1905)	34
3.14	A DESCOBERTA DA FOTOGRAFIA (1826)	35
3.15	CINEMA (1887)	36
3.16	OS IRMÃOS LUMIÈRE E O CINEMATÓGRAFO	37
3.17	A REVOLUÇÃO DA COMUNICAÇÃO: O RÁDIO	38
3.18	O RÁDIO NO BRASIL	39
3.19	TELEVISÃO: A ERA AUDIOVISUAL	39
3.20	JORNALISMO: TEMPOS DE CONVERGÊNCIA	41
3.21	DESDOBRAMENTO PARA O JORNALISMO LITERÁRIO AVANÇADO	42
3.22	NARRATIVAS JORNALÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS	42
3.23	JORNALISTA: O CONTADOR DE HISTÓRIAS REAIS	44
3.24	REFLEXÕES SOBRE A ARTE DA NARRATIVA	45

4	UNIVERSO FEMININO	46
4.1	UNIVERSO FEMININO E O JORNALISMO LITERÁRIO AVANÇADO	47
4.2	O UNIVERSO FEMININO E O PODER DAS NARRATIVAS	48
5	PERFIS JORNALÍSTICOS: A REPORTAGEM VIVIDA	51
5.1	ALMA DE MULHER	51
5.2	BASTIDORES DO ENCONTRO	54
5.3	SINALIZADORES DE PAUTAS	55
5.4	MULHER AMÉLIA	56
5.5	BASTIDORES DO ENCONTRO	59
5.6	SINALIZADORES DE PAUTAS	60
5.7	MULHER PÁSSARO	61
5.8	BASTIDORES DO ENCONTRO	62
5.9	SINALIZADORES DE PAUTAS	65
6	O DIÁLOGO QUE FOI POSSÍVEL	66
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS: SEGREDOS DE UMA JOVEM PESQUISADORA.....	68
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69

1 INTRODUÇÃO: A CIRANDA JÁ VAI COMEÇAR, ENTRE NA RODA

A presente pesquisa tem como objetivo estudar a relação entre Jornalismo Literário Avançado e o universo feminino a partir da produção de perfis jornalísticos.

Entende-se que a temática é relevante porque na sociedade contemporânea existe a necessidade de comunicar para o coletivo, a partir de uma visão social em relação à realidade transmitida por meio da informação. Certamente é uma árdua missão a se desempenhar pelo Jornalismo - comunicar para o público de forma que o mesmo se sinta parte influenciadora da notícia. Parece fácil, contudo é mais complexo do que se imagina.

A informação não é considerada apenas mais um produto de consumo da sociedade, mas sim uma influenciadora na formação da opinião pública e, principalmente, da opinião individual das pessoas.

A ideia de fazer este trabalho surgiu a partir da necessidade de trazer para o jornalismo a sensibilidade do universo feminino, como oportunidade de resgatar a essência da informação, por meio da narrativa. Tratou-se, então, de pensar a sensibilização não apenas nas pautas, mas ser sensível com as palavras dentro da informação, tentar desenvolver modos de sensibilidade no processo de fazer Jornalismo. Assim, o exercício de me sentir mulher e uma repórter sensível em formação. Segundo Medina (2008), para produzir narrativas jornalísticas é preciso resgatar, através das emoções que encontramos no ser humano, pois ele sempre será fonte de informação para uma entrevista.

A Comunicação Social é um potente dispositivo transformador da sociedade, que carrega a responsabilidade de relatar, com veracidade, os fatos e os acontecimentos. Esta visão não era possível no exercício do jornalismo convencional, pois o mesmo nunca me causou reflexão sobre a informação, além de não sentir aproximação com a fonte, ao ponto de capturar as sensações relacionadas à pauta abordada. A saída era encontrar outra forma de fazer Comunicação. Com este viés, minha pesquisa tomou proporções de grande transformação da minha visão do Jornalismo e, também, do desafio de como pesquisar e produzir reportagens. E, na medida que fui produzindo reportagens, observei que as palavras fluíam cada vez melhor, quando utilizava das narrativas jornalísticas, na perspectiva proposta pelo Jornalismo Literário Avançado.

Conforme a pesquisa crescia, as observações como narradora se tornavam cada vez mais sensíveis à minha percepção, ao realizar uma entrevista, bem como as formas de interpretações, utilizadas na produção das narrativas. Assim, posso dizer que este estudo me levou a aprimorar minhas habilidades de observadora.

Toda reportagem é construída, em certo sentido, a partir das histórias de vida das pessoas; basta folhear o jornal para notar que lá estão as notícias que “contam, reportam e narram” os acontecimentos de pessoas comuns, segundo Moreira (2016). É por isso que introduzir narrativas sobre a rotina das pessoas faz parte do jornalismo. Em outras palavras, significa manter a responsabilidade com a verdade, afirma autora.

Os objetivos específicos deste trabalho partem do pressuposto de que os estudos sobre as narrativas contemporâneas jornalísticas, relacionadas ao Jornalismo Literário e o universo feminino podem resgatar a sensibilidade da notícia. Objetivos específicos são:

- Discutir o jornalismo e duas características no processo histórico e as aberturas para o Jornalismo Literário Avançado;
- Caracterizar o universo feminino e suas potências de sensibilidade;
- Realizar entrevista-diálogo de perfis jornalísticos femininos com base no Jornalismo Literário Avançado;
- Analisar e discutir considerando a relação entre Jornalismo Literário Avançado.

Esta pesquisa tem por intenção descobrir quais são os sinalizadores para narrativas jornalísticas, utilizando como ponto de partida o Jornalismo Literário Avançado e as influências do universo feminino, na hora de produzir narrativas. Tudo com base nas aproximações investigativas com os perfis femininos entrevistados.

Neste trabalho, temos o intuito de analisar e discutir, considerando a relação entre Jornalismo Literário Avançado e o universo feminino, a partir da produção de perfis jornalísticos. Em termos teóricos, trata-se de uma pesquisa qualitativa, baseada na transdisciplinaridade, associando aos estudos de Baptista (2014) por meio da Cartografia de Saberes, áreas relacionadas à ciência contemporânea. A Cartografia proposta por Baptista (2014) traz o desenvolvimento de trilhas de saberes - saberes pessoais, saberes teóricos e o laboratório de pesquisa, como estratégias metodológicas para o desenvolvimento da pesquisa.

A estrutura deste trabalho está dividida em sete capítulos. São eles: capítulo 1: Introdução; capítulo 2: Aspectos Metodológicos; capítulo 3: História da Comunicação: como tudo começou; capítulo 4: Universo Feminino; capítulo 5: Reportagem Viva; capítulo 6: O diálogo que foi possível; e capítulo 7: Considerações.

O propósito do capítulo 2 é mostrar como a pesquisa surgiu, como foi desenvolvida e quais as metodologias utilizadas, tendo como texto inicial “O Florescer da Pesquisa”.

O capítulo 3 remete à comunicação desde o princípio da civilização até os dias de hoje, em conformidade com a evolução do homem e das sociedades. Em ordem cronológica, explica as principais mudanças - desde o surgimento dos desenhos nas paredes até a comunicação contemporânea. Este capítulo busca afirmar de uma maneira breve, de que a Comunicação sempre esteve ao lado dos principais acontecimentos da história humana.

O capítulo 4 estuda o universo feminino relacionado ao Jornalismo Literário Avançado, com o propósito de compreender o que este universo representa para as mulheres e de que maneira somos conectados a ele. Já o capítulo 5 busca sinalizar as narrativas jornalísticas possíveis através dos estudos desencadeados até o momento, considerando análise das reportagens desenvolvidas e elucidadas no capítulo 6, por meio das entrevistas com os perfis femininos. E, por fim, as considerações finais, momento em que iremos refletir sobre a trajetória e as experiências que este trabalho proporcionou.

Esta viagem de conhecimento está prestes a começar, convido-o a embarcar sem pressa para chegar. A viagem termina quando encontrarmos destino para o que sentimos. Então, espero que esteja pronto. Sinta-se à vontade.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS: O FLORESCER DA PESQUISA

Ao longo dos estudos acadêmicos, comecei a produzir as primeiras pautas sobre mulheres e suas rotinas. A primeira pauta foi sobre “Mulheres, Autodefesa e Segurança Pública”. Depois sobre “Violência Doméstica e a Vulnerabilidade Social”. E, assim seguiram-se as várias pautas sobre nós; mulheres. Meu envolvimento com o universo feminino floresceu nestes momentos de estudante, assim como nas vivências cotidianas. As pautas não teriam surgido, se não partisse de minha própria necessidade como mulher: manifestar meus desejos e os problemas que também me afetam. Portanto, escrevo primeiro meus relatos, para que, de fato, o leitor compreenda que as minhas experiências sinalizaram, para mim, a realidade das outras mulheres. Foi assim que a pesquisa floresceu, dentro de mim. Este foi meu ponto de partida para a Monografia I. Preciso ressaltar que vivi o período da monografia cheia de dúvidas, dificuldades, mal sabia que os mesmos desafios, mais tarde, me ajudariam a firmar o propósito dentro desta pesquisa. Meus encontros com minha orientadora, Maria Luiza Cardinale Baptista, fizeram-me entender a importância da busca pelo conhecimento, independentemente das circunstâncias.

2.1 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Para encontrar o rumo desta pesquisa, foi preciso me aventurar nos Encontros Caóticos do grupo de pesquisa Amorcomtur – Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese, liderado pela doutora em Ciências da Comunicação, Maria Luiza Cardinale Baptista. Os encontros são rodas de conversa entre os pesquisadores, sem temáticas pré-definidas, em produções espontâneas, decorrentes do fluir dos diálogos entre pesquisadores - momento de expressar e compartilhar opiniões. Ali, ouvir histórias, compartilhar sensações, sentir, falar, escutar são ações integrantes de um processo de produção de pesquisa e vida partilhada.

Assim, aos poucos, fui entendendo que, sem viver o caos, era impossível encontrar as trilhas para tantos “saberes”. Fui guiada pelos estudos do Amorcomtur e as pistas foram surgindo. As estratégias metodológicas desenvolvidas pela Dra.

Maria Luiza Cardinale Baptista (2014), em “Cartografia de Saberes”, alinharam meus pensamentos com saberes teóricos da ciência contemporânea. Na Cartografia de Saberes, a autora constrói quatro trilhas investigativas: saberes pessoais, saberes teóricos, usina de produção e dimensão intuitiva. Autora define como devemos caminhar dentro da pesquisa para não perder nossos objetivos. Por isso, ela começa questionando a si mesma: “por onde devo caminhar?” e, em seguida, “o que fazer com tanta informação?”

Todo estudo decorre de trilhas de investigação, que lhe apontaram direções. Uma é chamada pela autora como “Saberes Pessoais”, que implica na investigação a si mesmo com base nas suas próprias experiências; outra é formada pelos “Saberes Teóricos”, que decorrem do levantamento bibliográfico sobre as temáticas que nos guiaram nas trilhas investigativas da pesquisa. Há outra trilha é o momento de criação de situações, que unem todas as atividades desenvolvidas da pesquisa até o momento, defende Baptista (2014).

Neste caso, segundo a autora, desencadeia-se a chamada Usina de Produção, em que se registram aproximações e ações investigativas. As aproximações são atividades sem planejamento rigoroso, mas que seguem o desejo de vivenciar práticas relacionadas ao fenômeno investigado. Depois disso, com base nas informações preliminares se parte para as ações investigativas, decididas em coerência com os objetivos específicos do trabalho. Baptista (2014) descreve que, durante todas essas trilhas, esses percursos, estamos constantemente tendo ideias e vivenciando situações, que despertam nossa criatividade para a pesquisa. São momentos imprevisíveis e aleatórios que a autora os define como “Pensamentos Picados”, mais recentemente considerados como a dimensão intuitiva da pesquisa. A autora ainda completa:

Assim não existe ‘um’ único caminho, mas o que eu denomino de ‘trama de trilhas’ e possibilidades a serem acionadas. São pistas que cada pesquisador vai compondo, numa espécie de trama metodológica, ao compreender mais profundamente o fenômeno que está estudando. Essa composição implica em mergulho no objeto/fenômeno escolhido para estudar e no conhecimento já produzido a respeito, por outros investigadores, bem como no reconhecimento e a efetivação, possíveis com a vivência da pesquisa. A trama investigativa, então, vai se compondo de saberes e inquietudes pessoais que possam ter significados sociais e para as áreas de conhecimento envolvidas; saberes dos outros (teóricos e das experiências compartilhadas) e a vivência mesma no campo da pesquisa, no que eu chamo de ‘chão de fábrica’, no sentido de usina de produção de saberes, no nosso caso, a respeito do Turismo. (BAPTISTA, 2014, p. 344).

Nas trilhas desta pesquisa, o grande diferencial estava associado aos meus próprios saberes pessoais, que muitos deles só tomei consciência da sua importância pelas possibilidades advindas deste trabalho. A Cartografia de Saberes ampliou minhas perspectivas para as abordagens subjetivas. Para trilhar pela transdisciplinaridade precisa aceitar e amar, de fato, o caos que segundo Baptista (2014), são características da Ciência Contemporânea. Desde o momento em que compreendi que os saberes de uma pesquisa primeiro partem dos saberes pessoais do próprio pesquisador, as trilhas investigativas se tornaram uma espécie de mapa que me guiaram na “trama de trilhas”. Durante a viagem por trilhas desconhecidas, meus estudos se sustentaram em nas investigações indicadas pela Cartografia de saberes.

Quando o pesquisador entende que as suas vivências também são saberes, o caminho da pesquisa se torna uma aventura inesquecível. Portanto, foi desta maneira que a pesquisa tomou forma e consistência, tanto na teoria quanto na prática. O meu campo exploratório era o universo feminino, e somente capturei as percepções do mesmo, quando minha visão partiu do meu interior, de minhas sensações e emoções. Por este motivo, foi necessário pensar no perfil jornalístico a partir das estratégias sensíveis e de aproximação com a fonte. Como o universo feminino tem suas peculiaridades de acordo com cada perfil, foi pensado desde o ambiente da entrevista até o último contato entre entrevistador e entrevistada, haveriam conexões com o universo feminino, e que o pesquisador-repórter deveria apenas observar e sentir este contato, através de um simples diálogo-conversa. O ambiente, a linguagem, os gestos, os olhares; tudo foi pensado com bases na própria sensibilidade do jornalista em absorver toda informação possível da fonte.

2.2 DOS SABERES TEÓRICOS ÀS PRÁTICAS

Sozinha, não chegaria à resposta alguma, pois tudo começou com o desejo de fugir das maneiras convencionais de fazer jornalismo. Fui orientada a ler a obra “Se me deixam falar” da caxiense Moema Viezzer (1987), um livro-reportagem, que narra a trajetória de vida de uma boliviana chamada de Domitila Barrios de Chungara, uma operária que se tornou porta-voz da classe de trabalhadora em seu País. Domitilla é a típica mulher que nasceu com a missão de lutar pelos direitos

dos trabalhadores. Desde então, tive muita curiosidade em descobrir, a partir de minhas habilidades sensíveis- jornalísticas, como é configurar uma reportagem, enfrentando o real na busca pela verdade, pois a autora caxiense fez exatamente o que busco realizar nesta pesquisa, sob o olhar interpretativo e sensível de uma realidade, onde o jornalista tenta se adaptar a sociedade contemporânea com novas demandas informativas.

O campo explorado neste trabalho foi construído conforme os sinalizadores para narrativas sensíveis encontrados nas trilhas investigadas. Em campo, tinha que ter em mente nosso objetivo – estudar a relação no JLA e o universo feminino – portanto, levamos em consideração que, além desta relação estabelecida, partimos do pressuposto de que as observações e a maneira como o campo é explorado, deve ser determinado pelo pesquisador. Ou seja, a escolha pelos perfis femininos deste trabalho ocorreu por intuição e observação dos traços característicos das mesmas, em relação ao seu universo feminino. Desde minha fala, meus olhares, minha forma de expor a curiosidade jornalística em explorar os perfis foi determinante para atingir o resultado esperado; o ambiente das entrevistas foi escolhido pelo próprio perfil; as perguntas pautadas eram feitas de acordo com os avanços espontâneos da entrevista; a atenção que destinava aos perfis; tudo era crucial para capturar toda sensibilidade deste universo, sem perder detalhes que, mais tarde, contribuíram na produção das narrativas jornalísticas. Falar sobre sensibilidade querer de si mesma, portanto, a escolha dos perfis foi determinante.

Meu propósito foi trazer mulheres que estivessem em fases diferentes do universo feminino, para demonstrar como elas sobressaem diante das suas situações em relação à sociedade e à família. Trouxe uma mulher totalmente espiritual e que tem um comportamento mais tradicional; outra que está recentemente divorciada, e que vive um momento libertador; e por fim, uma que carrega um espírito aventureiro e que recentemente se tornou mãe.

Observar toda sensibilidade que envolvia os determinados perfis femininos foi relevante para que pudesse, mais tarde, resultar em narrativas jornalísticas. Segundo Martinez (2012), a observação é um dos elementos fundamentais para desenvolver métodos de aproximação com o entrevistado. Para autora é fundamental que o narrador seja também, um observador; para ela, narrar relatos de viagem é uma arte cada vez mais rara.

Da teoria à prática sobre o universo feminino. Nas entrevistas notei coerência e relação com os aspectos teóricos referenciais, aqui estudados. Nesta pesquisa, o campo foi um despertar para uma nova visão, não apenas para os perfis femininos envolvidos e a pesquisadora. Entretanto, ao comentar sobre este estudo, homens tiveram interesse em conversar sobre as influências das mulheres nas suas vidas, subsidiando possibilidades de desenvolver pesquisas que vão além dos estudos desencadeados até o momento.

3 ASPECTOS HISTÓRICOS DA COMUNICAÇÃO: COMO TUDO COMEÇOU

O objetivo deste capítulo é apresentar a retomada de aspectos relativos ao surgimento da comunicação, desde os primórdios da evolução do ser humano. Demonstrar a importância do Jornalismo, da escrita e dos meios de comunicação, para o desenvolvimento das sociedades. Além disso, procuro trazer elementos sobre as transformações do Jornalismo até nos dias de hoje, buscando sinalizar como chegamos ao Jornalismo Literário Avançado, de Edvaldo Pereira Lima (1996). Na busca por compreender os aspectos históricos, o texto de Sandra Lúcia Lopes Lima (1989) foi fundamental, por isso é tão presente neste capítulo. Assim como os estudos de Juarez Bahia (1990).

A evolução humana foi possível graças à necessidade de sobrevivência. “O caminho foi longo e as conquistas lentas, mas a vida em grupo exigiu, desde o início, que encontrasse formas de se comunicar. Utilizou-se, inicialmente, de gestos, olhares, expressões faciais, sons desarticulados para transmitir suas experiências e emoções”. (LIMA, 1989, p. 9).

3.1 PRÉ-HISTÓRIA: PRIMEIROS SINAIS DE COMUNICAÇÃO

Através da dança que surgiram os primeiros sinais de comunicação. Ainda na Pré-História (4.000 a.C.), anterior ao aparecimento da escrita, a dança nasceu associada às práticas mágicas do homem, ele dançava pela sobrevivência, dançava para a natureza em busca de mais alimentos, água e também em forma de agradecimento. Na medida que o homem primitivo foi aperfeiçoando suas técnicas de caça, a vida em grupo se tornou cada vez mais importante para a sobrevivência e evolução da raça humana, assim como foi importante para o surgimento da comunicação pessoal, segundo Sandra Lúcia, 1989. Posteriormente, desenvolveram novos meios de se comunicar, capazes de suprir as novas necessidades sociais, culturais e emocionais. Refiro-me a fala. Segundo a autora a fala é construído por sons articulados, e que cada grupo social tem sua fala peculiar e exclusiva. A evolução humana atingiu diversas capacidades que nenhuma outra espécie atingiria. Assim, criou-se a capacidade de simbolizar as representações mentais, que mais tarde, seriam cruciais para o surgimento da linguagem verbal. Os registros através

de símbolos, ou/e desenhos nas paredes das cavernas, conhecida como arte rupestre, os desenhos eram considerados como uma crença possível de alcançar determinados objetivos, como abater um animal, durante a caça, por exemplo. Segundo a autora, os símbolos proporcionaram os primeiros avanços na área da representação pictográfica. Para Bahia (1990), a circulação de ideias entre as pessoas se dá através da linguagem, sinais, símbolos, pensamentos, ações e notícias, todavia, o Jornalismo carrega exatamente esta função - produzir “comunicação coletiva”. De todas as formas que o homem se manifesta para os demais, são consideradas meios de comunicação: a fala, a escrita. O impresso, as figuras, as imagens, entre tantas outras.

Uma fase extremamente importante, porque o homem consegue vencer suas barreiras naturais, tornando possível a evolução na Terra. Aos poucos, o ser humano foi desenvolvendo soluções práticas para os problemas da vida. Inventando objetos e soluções a partir das suas próprias necessidades.

Nesse período Neolítico, vários acontecimentos marcaram a vida humana. Mudanças climáticas. Descoberta do fogo. O desenvolvimento da agricultura e pecuária. O surgimento da sociedade. O capitalismo. A Revolução Industrial. Ao se deparar com tantos acontecimentos, o homem foi obrigado a se readaptar para sobreviver. Com os grupos mais populosos, a vida em sociedade obrigou o ser humano buscar aprimoramentos e organização. A partir dessa necessidade criaram-se as divisões de funções: religião, artesanato, criação etc. “A complexidade dessas sociedades criou a necessidade de transmitir e registrar informações de forma mais perene que a verbal. Vários povos criaram, então, sistemas de registros gráficos” (LIMA, 1989, p.10).

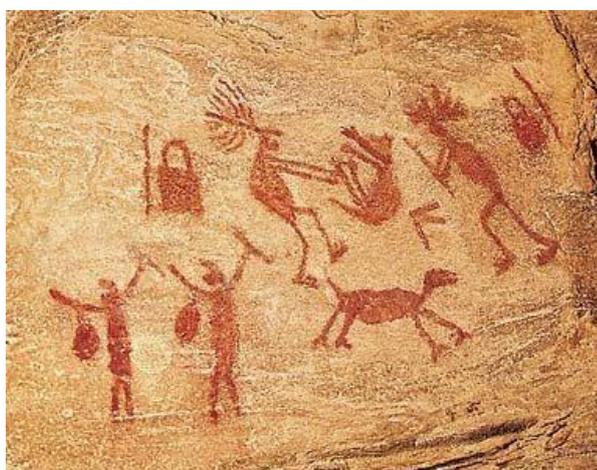
3.2 OS PRIMEIROS SISTEMAS DE ESCRITA

Segundo Lima (1989), a escrita consiste em diferentes sistemas associados à comunicação, à informação e às lembranças. Dentro dos sistemas de escrita existem três divisões: escrita por objetos que, na verdade são signos gráficos; a escrita pictográfica que são desenhos de objetos concretos; e a escrita ideográfica tem a capacidade de representar ideias, criando signos sem a necessidade de ter relação com o objeto original. “As escritas por imagens, tanto pictográfica quanto

ideológica, têm em comum a falta de relação entre os signos gráficos e a linguagem falada”.

Do jornalismo é atribuído várias derivações e uma delas é a figura. Antes de criar a escrita, o homem primitivo utilizou das paredes de sua caverna para compor por meio da pintura. O comunicado através de figuras relata o cotidiano, ideias, lutas e necessidades. Vale ressaltar que foi a partir da linguagem escrita inicial que foi criado alfabeto de hoje (BAHIA, 1990, p. 131).

Figura 1 – Escrita Pictográfica 1



Fonte: Site A História do Mundo¹, 2019.

A fase pictórica apresenta uma escrita bem simplificada dos objetos da realidade, por meio de desenhos que podem ser vistos nas inscrições astecas presentes em cavernas.

¹ Disponível em: <https://biblioam.wordpress.com/2014/08/22/a-historia-da-escrita/> Acesso em: 10 de maio 2019.

Figura 2 – Escrita Pictográfica 2



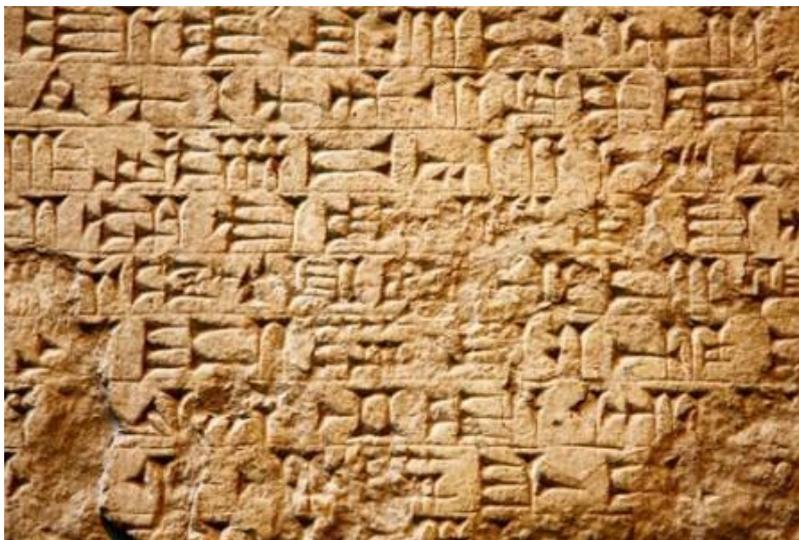
Site A História do Mundo², 2019.

Os leitores dependiam do contexto e do senso comum para decifrar o significado. As letras do nosso alfabeto vieram desse tipo de evolução. Algumas escritas ideográficas mais conhecidas são os hieróglifos egípcios.

A escrita não surge assim, de repente, do nada. Ela é a junção de todo conhecimento acumulado ao longo de milhares de anos pelas sociedades, seja através de desenhos, sinais gravados ou pintados nas pedras. Por volta de 3.500 a.C., surge, criada pelo povo Sumério na Mesopotâmia, os sumérios desenvolveram as bases religiosas, econômicas, legislativas e um sistema de escrita, chamada de cuneiforme, provavelmente seja o primeiro sistema de escrita criado na história. A escrita cuneiforme, consistia em gravar pequenos sulcos em forma de cunha (origem do nome cuneiforme) em “tábuas” de argila. Mesmo sendo considerado um avanço para a época, a escrita suméria era limitada, seus símbolos tinham significados limitados, ou sejam, nem tudo poderia ser escrito.

² Disponível em: <https://biblioam.wordpress.com/2014/08/22/a-historia-da-escrita/> Acesso em: 10 de maio 2019.

Figura 3 – Escrita cuneiforme



Fonte: Site Estudo Prático³, 2019

A escrita cuneiforme foi criada pelos sumérios, e sua definição pode ser dada como uma escrita que é produzida com o auxílio de objetos em formato de cunha.

Na Suméria, a escrita vai surgir a partir da necessidade de se registrar os bens materiais e as transações comerciais dos templos administrados pelos sacerdotes. A escrita era essencial para a contabilidade do templo. Deveriam ser registrados, por exemplo, quantas ovelhas foram fornecidas a um pastor ou quantos jarros de sementes haviam sido entregues. Esta contabilidade era feita em tabuinhas de argila onde eram traçados caracteres (figuras ou sinais como um jarro, uma cabeça de touro, triângulos) e números. Posteriormente, influenciados pelos sumérios, surgem os hieróglifos egípcios e a escrita na Índia. Ao decorrer da 1ª metade do 2º milênio a.C. surgiram as linguagens logossilábicas na Anatólia, vale Indu e China. No princípio a escrita era um método de registro de informações, com o passar do tempo, a escrita foi se tornando o primeiro meio de comunicação da sociedade.

³ Disponível em: <https://www.estudopratico.com.br/escrita-cuneiforme/> Acesso: 10 de maio 2019.

3.3 ELITIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Um dos primeiros momentos da história em que as informações são transmitidas à elite foi com as “Atas Romanas”. Os romanos entendiam que o conhecimento devia ser passado para uma parcela da população, sem popularizar. Mas foi assim que começaram a fazer Álbuns, registrados em tábuas brancas onde eram informados os principais acontecimentos que desejavam tornar público. Os Álbuns eram chamados Annales Maximi. Mais tarde, em 69 a.C., Júlio César transformou em publicações diárias, eram discutidos assuntos sobre o Senado Romano. Passaram a ser chamados de Acta Diurna. As Atas eram comparadas aos jornais, pois apresentavam informações variadas, periodicidade e eram transmitidas ao público. Além da circulação das Atas partir da distribuição de cópias manuscritas e emprestadas. Por mais que esse tipo de circulação pendurasse cerca de 5 séculos, com a queda do Império Romano, no começo da Idade Média, a escrita ficou restrita e guardada dentro dos mosteiros, protegida pela igreja. Ao perfil das Atas Romanas, voltou a ser circulada ao público apenas na Idade Moderna, com as gazetas manuscritas.

O isolamento e a dificuldade de circulação marcaram os primeiros tempos da Idade Média, refletindo-se nas formas de Comunicação. O conhecimento da escrita retraiu-se, restringindo-se praticamente aos eclesiásticos. A igreja tornou-se a guardiã da cultura clássica e monopolizada da erudição. (LIMA, p. 16, 1989).

A igreja se uniu ao império, tendo total controle do conhecimento produzido. A escrita ganhou forças, e foi nesse período de dominação Carolíngio que promoveram atividades pedagógicas e criadas a partir das igrejas escolas de todos os níveis. No fim deste período, a escrita passa por outra mutação; a linguagem verbal ganha espaço, passando a ser uma das principais ferramentas da arte literária e da veiculação de notícias.

3.4 DAS ESCOLAS ÀS UNIVERSIDADES

Nenhuma invenção é fruto exclusivo do trabalho individual de um gênio criador, desvinculado das necessidades de sua época e do acervo cultural acumulado do passado. As invenções, sem desprezar os méritos pessoais, são, antes, aperfeiçoamentos, que completam etapas desenvolvidas anteriormente. (LIMA, 1989, p. 20).

A sociedade feudal marcada pela estabilidade (séc. X, XI e XII), aumentou tanto de população, quanto de produção, tudo por acreditarem que a economia poderia ser voltada também para o artesanato e o comércio. Assim, deixaram de acreditar apenas nos religiosos, mas nos nobres guerreiros e servos. Os mercadores também tiveram espaço dentro desta nova composição da sociedade. Com o tempo, a igreja abriu mão de sua representatividade nas Instituições educacionais, e as escolas leigas se multiplicaram. No séc. XIII, surgiram as universidades, tornando a cidade parte da intelectualidade.

Após as universidades, no mesmo século, houve os progressos do formato dos livros, naquela época ditos como manuscritos, eles eram pesados e nada portáteis. Com a chegada das universidades eles se tornaram menores e mais manuseáveis. No final da Idade Média, o interesse pela leitura é retomado, assim como o interesse pela escrita; “a escrita voltou a ocupar um lugar de destaque como transmissora do saber”. O livro não é mais considerado um objeto exclusivo e luxuoso, mas agora, torna-se fundamental para todos os universitários, independente se eram estudantes na área de direito, ou se eram filósofos ou teólogos. Ler um livro já tinha um significado ainda maior; era uma necessidade intelectual e de todos.

Figura 4 – Evolução do livro



Fonte: Blog Árvore de Livros⁴, 2019

⁴ Disponível em: <https://blog.arvoredelivros.com.br/escrita/das-tabuletas-de-argila-ao-tablet-as-aventuras-e-evolucao-do-livro/> Acesso: 12 de maio 2019.

Antes da imprensa surgir, o jornal já existia, antes de Gutenberg o Jornalismo também já existia. Com certeza a tipografia e suas artes gráficas revolucionaram a escrita a partir do livro. A tipografia assume um papel de intermediação, e conseqüentemente, o Jornalismo torna-se responsável pela formação educacional das pessoas (BAHIA, 1990, p.19).

3.5 O APERFEIÇOAMENTO DA IMPRENSA

Segundo Lopes Lima (1989), a imprensa era um método ainda utilizado desde a Antiguidade. Imprensa nada mais é que imprimir, utilizar objetos para deixar uma marca; impressão. Realizado tanto na Antiguidade, quanto na Idade Média, a imprensa passou por grandes adaptações relacionadas ao aperfeiçoamento que a prensa, o papel e a tintas tiveram; pois, até então, não era possível reproduzir letras e figuras utilizando tinta.

Depois do papiro egípcio e do pergaminho, no séc. XII, teve a introdução do papel de algodão pelos árabes, na Península Ibérica. O papel de trapos de algodão e de linho sofreu diversos aperfeiçoamentos na Europa, que melhoraram sua qualidade e reduziram o custo, facilitando seu uso em maior quantidade para impressão.

3.6 IMPRENSA ATÉ GUTENBERG

Conforme Lima (1989), no final da Idade Média, foi através da religião que a xilogravura, técnica de reproduzir figuras em prancha de madeiras e tecidos, com o uso de tinta, que a escrita foi evoluindo, assim como as técnicas de impressão. Com a xilogravura, começaram a reproduzir figuras religiosas em panos e tapetes de igrejas, o objetivo, segundo a autora, era prolongar as lembranças aos fiéis de todos os milagres que as visitas aos lugares sagrados proporcionaram, além de reproduzir a imagem dos santos.

João Gutenberg, nascido em Mogúncia por volta de 1400, foi responsável por desenvolver o material adequado para impressão à tinta. Em 1434 se muda para Estrasburgo, onde trabalha como ouvires. De volta à Mogúncia, em 1445, imprimiu o primeiro trabalho com a caracteres de chumbo, que tinha criado quando ainda morava em Estrasburgo, e trabalhava na fabricação de livrinhos e folhetos. A

primeira impressão foi conhecida como O Juízo Final. Gutenberg foi considerado o inventor da imprensa com a publicação da “Bíblia de Gutenberg”, assim conhecida popularmente. Segundo a autora, essa descoberta conta com diversos personagens que contribuíram para a evolução da imprensa e suas técnicas de tipografia na Idade Média.

Figura 5 – Gutenberg e a Imprensa



Fonte: Site História do Mundo⁵, 2019.

A máquina de imprensa de Gutenberg contava com uma prancha onde eram dispostos os tipos, ou caracteres, móveis (letras, números, pontos etc.) moldados em chumbo.

3.7 TEMPOS MODERNOS E A COMUNICAÇÃO: DEPOIS DA TIPOGRAFIA, A PROPAGAÇÃO DE IDEIAS (1436)

O legado de Gutenberg abriu as portas para a proliferação da tipografia na Europa. Ainda no séc. XV, os primeiros livros foram publicados, chamados “incunábulo”. Naquela época, quase metade dos livros vendidos eram religiosos, o destaque se dava para a Bíblia, depois as obras literárias, Direito e os científicos.

⁵ Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/invencao-imprensa.htm> Acesso em: 12 de maio 2019.

De acordo com a autora Lima (1989), o livro foi um instrumento muito importante na propagação e formação de ideias, que impulsionaram os movimentos que marcaram o início dos tempos Modernos (Renascimento e a Reforma).

Até o Renascimento, a maior parte desses relatos era feita na forma de diários ou cartas de viagem, como a Carta do escrivão Pero Vaz de Caminha (1450-1500), que morreria meses depois de registrar a chegada de ao Brasil da esquadra de Pedro Álvares Cabral, (CAMINHA, 1998). Os livros do período, edições ricamente ilustradas manuscritas por monges e aprendizes, levavam meses para serem confeccionados, sendo caros e acessíveis a poucos letrados fora dos muros das abadias. A invenção da imprensa pelo alemão Johannes Gutenberg (1390-1468) muda esse quadro, barateando os custos e, assim, ampliando a aquisição de exemplares pela emergente burguesia. (MARTINEZ, 2012, p. 40).

Com a imprensa já amadurecida, assume um papel de “propagadora de ideias”, por isso é colocada em constante observação tanto pela igreja católica, quanto pelo Estado, que se aliam para controlar todo conteúdo direcionado à sociedade. As publicações das tipografias da época eram submetidas a fiscalização do Estado, o que prendia qualquer ato de liberdade de expressão.

3.8 INSTINTO JORNALÍSTICOS: OS NOVIDADEIROS

O controle que as tipografias sofreram pelo poder monárquico e pela igreja católica, estimularam o renascimento dos manuscritos. As cartas que circulavam entre os povos eram, muitas vezes, puramente críticas e protestos. “A escrita à mão, que não precisava se sujeitar ao controle da impressão, popularizou-se.” Dessa forma que essas informações foram comercializadas nas ruas e denominadas “gazetas”, nome dado a moeda em circulação da época. Assim que surgiu as gazetas manuscritas, as notícias nesse formato tomaram amplitude em toda Europa, burlando o controle religioso e político.

Dentro desse sistema de circulação da informação existia uma certa disputa de quem trazia primeiro as novidades ao público. Traços que reconhecemos até nos dias de hoje dentro da comunicação; quem consegue o furo jornalístico, isso realmente impressiona a essência do jornalismo e da comunicação. Esse sentido dado à história e evolução da comunicação vem ao encontro dos estudos da autora. Os tempos modernos trouxeram também “os informantes”, aqueles que ficaram conhecidos naquela época como os “Novidadeiros”, que utilizavam de todos os possíveis recursos para obter as informações. As notícias eram distribuídas nas

tabernas, ruas, praças, eram entregues aos seus “assinantes”, assim como a autora os define.

Quando a imprensa começou ela tinha apenas um repórter “operário-faz-tudo. No início da imprensa, quem cuidava da redação, composição e impressão do jornal era uma única pessoa. Houve uma evolução do repórter que o próprio Jornalismo causou. Numa visão moderna ele é apenas uma “uma peça da engrenagem da notícia”, contudo, até nos dias atuais, o repórter permanece conservando sua função essencial (BAHIA, 1990, p. 56).

3.9 BRASIL COLÔNIA E A IMPRENSA (1808)

A imprensa chegou no Brasil no começo do século XIX, depois da vinda da família real portuguesa. As tipografias não tiveram êxito em suas poucas tentativas no território brasileiro, pois a coroa real não permitia a impressão de livros ou papéis avulsos. Além do domínio português não permitir tipografias e material informativo, no Brasil, a comunicação escrita foi dificultada mais pela própria natureza das atividades, predominantes da agricultura, não tinham grandes proprietários e tudo era distante das pessoas.

As condições internas criadas pela colonização acentuaram o analfabetismo e a ignorância. É ilustrativo o exemplo dado por Nelson Werneck Sodré do pouco interesse que os livros despertavam na Colônia: a biblioteca dos jesuítas da Bahia, quando estes foram expulsos do Brasil pelo Marquês de Pombal (1759), foi levada à leilão e, não encontrando interessados, os livros acabaram utilizados pelo boticário para “embrulhar adubos e unguentos”. (LIMA, 1989, p. 31).

As transformações culturais marcaram o Brasil a partir do século XVIII, com a descoberta das minas de ouro. O enriquecimento possibilitou o desenvolvimento cultural, através do crescente número de estudantes brasileiros na Europa. Eles trouxeram em seu retorno a bagagem cheia de ideias iluministas e reflexões filosóficas, e traziam escondido livros proibidos. Assim, surgiram as expressões artísticas no país, reveladas na literatura, pintura, arquitetura etc.

Em 1808 com a chegada da família real, o Brasil toma maiores dimensões, tornando possível a instalação da “Imprensa Régia”, o material tipográfico era comprado pela corte, assim supervisionado pela mesma, [...] todo material impresso deveria ser previamente examinado por uma junta, para que nada se publicasse

“contra a religião”, o governo e os bons costumes. ” Em 10 de setembro de 1808, publicado oficialmente, o primeiro jornal brasileiro “A Gazeta do Rio de Janeiro”, produzido por Frei Tibúcio José da Rocha. Mais tarde, Hipólito José da Costa cria o jornal “O Correio Brasiliense”.

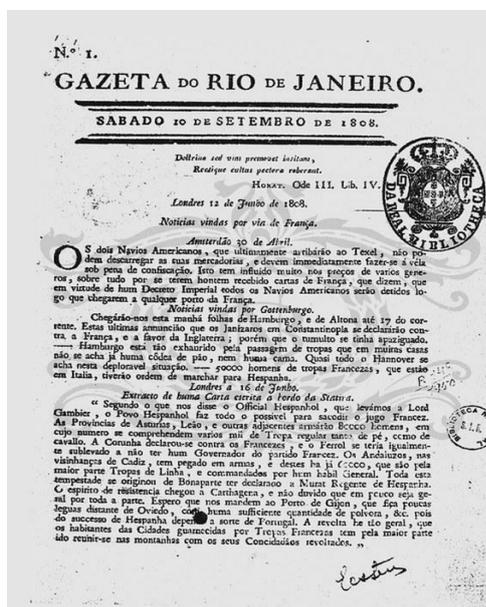
3.10 RUMO À INDEPENDÊNCIA, SEM LIBERDADE DE EXPRESSÃO (1820)

A imprensa se tornou peça fundamental para o processo de independência do Brasil, assim como o processo foi importante para o crescimento da imprensa e o surgimento de mais jornais brasileiros, contudo a liberdade era entregue para àqueles que o poder compartilhava das mesmas ideias. Em 1821, José da Silva Lisboa, fundou o jornal “Conciliador do Reino Unido”, que defendia uma liberdade moderada. A independência despertou opiniões divergentes pelas quais formaram-se jornais como “Revérbero Constitucional Fluminense”, escrito por Golçalvez Ledo e Januário da Cunha Barbosa, sua primeira edição foi no dia 15 de setembro de 1821, extinto um ano depois. (LIMA, 1990, p. 42).

O período desencadeou jornais que lutavam pela monarquia, outros pela república. No meio de tantos jornais com posicionamento político, nasce o jornal “Diário do Rio de Janeiro”, dirigido por Zeferino Vito de Meireles, em junho de 1821, assumindo sua neutralidade em relação às disputas políticas. Seu conteúdo era diverso (roubo, assassinato, anúncios, reclamações e entretenimento), sendo o primeiro jornal a publicar ilustrações na imprensa brasileira.

A imprensa e o demais veículos de comunicação estão cientes de que nem sempre é possível cumprir a missão do jornalista: “saber e dizer o máximo possível”. Portanto, o alcance da informação sempre estará relacionado com a independência do profissional e do veículo. Certamente em qualquer sistema que o Governo esteja presente haverá dificuldades e limitações. Por este motivo, o Jornalismo acaba combatendo estas dificuldades inevitáveis, para assim cumprir com o interesse da sociedade. (BAHIA, 1990, p. 12).

Figura 6 – Gazeta do Rio de Janeiro



Fonte: Site História da Comunicação no Brasil⁶, 2019.

A Gazeta do Rio de Janeiro foi o primeiro jornal impresso brasileiro que era próximo ao poder da corte. Suas edições eram semanais.

Figura 7 – Correio Braziliense



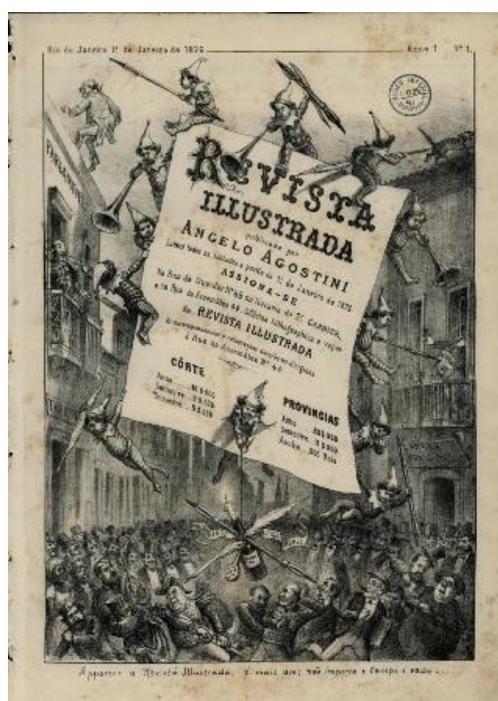
Fonte: Site Geledés Instituto da Mulher Negra⁷, 2019.

⁶ Disponível em: <https://hcnb.wordpress.com/2010/04/25/a-chegada-da-familia-real-e-da-imprensa-regia/gazeta-rj-2/> Acesso em: 12 de maio 2019.

O Correio Brasiliense era um jornal editado na Inglaterra. Tinha um caráter e um posicionamento crítico à corte Portuguesa no Brasil. Sua tiragem era mensal. É considerado pioneiro no formato analítico do jornalismo brasileiro.

Na metade do século XIX, o jornalismo político é substituído pelo romantismo e ilustrações na imprensa tomando cada vez mais espaço, despertando pautas e públicos diversos. O humor e as caricaturas foram novas características da imprensa. Segundo a autora, um dos períodos mais importantes da imprensa ilustrada, foi em 1876, quando criaram a “Revista Ilustrada”, que suas edições circulavam todo o país, desde as cidades, até as fazendas. Suas páginas mostravam a vida do País na semana, além de serem relevantes documentos históricos. O periódico foi idealizado por Angelo Agostini, que produzia notícias e crônicas voltadas à vida cultural dos brasileiros. Com discursos caracterizados pelo humor pretendia demonstrar a situação social e política do Rio de Janeiro.

Figura 8 – Revista Ilustrada



Fonte: Site DAMI Museu Imperial⁸, 2019.

⁷ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/dia-1o-de-junho-noassa-imprensa-completa-207-anos-de-fundacao/> Acesso em: 12 de maio 2019.

⁸ Disponível em: <http://200.159.250.2:10358/handle/acervo/3433> Acesso em: 14 de maio 2019.

A publicação da "Revista Ilustrada" foi um marco na imprensa do séc. XIX. Período muito importante para imprensa nacional exercer sua autonomia.

3.11 A INDUSTRIALIZAÇÃO DA IMPRENSA

Para Lima (1989), as grandes transformações começam ainda no século XVIII, quando as ideias liberais em relação à uma nova forma de governo ganha forças. Visando uma economia baseada na livre iniciativa, o capitalismo dá seus primeiros passos para desenvolver o Estado Moderno. Neste ponto da história, a imprensa passa pelo processo conhecido como industrialização.

A indústria despertou a economia para a produção de massa: a máquina foi a grande conquista. Aperfeiçoou-se dia-a-dia, utilizando novas fontes de energia e gerando uma produção cada vez maior que, por sua vez, exigia novos mercados e mais consumo. A distribuição dos produtos trouxe melhorias no sistema de transportes e a modernização tomou conta da sociedade. Os centros industriais funcionaram como polos de atração para as populações que se deslocavam do campo para as cidades. O crescimento urbano desordenado foi cenário de contrastes que representavam um espelho da nova sociedade. (LIMA, 1989, p. 63).

De acordo com autora, a imprensa se adequou aos novos tempos, assim como o fortalecimento de seu papel em relação ao público, estendendo seu alcance para uma parte maior da sociedade. Nesta época, o consumo de informações começa a crescer, se inteirando às necessidades. O número de jornais aumenta consideravelmente, agora, livres de censura e opressão, presentes no século XVII e XVIII. O grande salto da imprensa não foi dado pelos pioneiros, mas no século XIX: com o aprimoramento das técnicas de impressão e das impressoras, aumentando significativamente o número de tiragens e barateando o custo de produção; o desenvolvimento do nível de instrução, desencadeando o crescimento do número de leitores; e a progressão dos meios de transporte, que melhorou a agilidade na distribuição.

No mesmo século, houve a "mecanização da imprensa", com a descoberta da imprensa a vapor. "Novos aperfeiçoamentos vieram logo e, em 1895, já se podia imprimir 24000 exemplares de 32 páginas em uma hora; em 1902, a média subiu a 72000 cópias por horas".

As grandes transformações do pós-guerra contribuíram para as mudanças do estilo jornalístico da época. Os mais influentes jornais americanos e europeus

construíram uma linguagem em suas redações, mas o Jornalismo mudou significativamente devido às mudanças políticas, econômicas e sociais deste período. Então, a prática se generalizou pelo resto das sociedades. Posteriormente, o leitor se tornou mais exigente, com a expansão do rádio e o surgimento das novas tecnologias no ramo industrial. (BAHIA, 1990, p. 86).

3.12 COMUNICAÇÃO EM QUADRINHOS (1895)

“À medida em que a comunicação procurou tornar-se dinâmica mais rápida no acesso ao público, o uso da imagem impôs-se como um dos recursos mais eficazes”. Conforme Lima (1989), descreve os “comics” ou histórias em quadrinhos ganharam o público leitor norte-americano, no final do século XIX. As histórias em quadrinhos era um conteúdo muito bem aceito pelo leitor de uma sociedade industrializada, que estimula o consumo rápido, inclusive das informações.

Figura 9 – The Yellow Kid



Fonte: Site TV Sinopse⁹, 2019.

A primeira história em quadrinhos de que se tem notícias no mundo foi criada pelo artista americano Richard Outcault, em 1895, chamada de "The Yellow Kid".

⁹ Disponível em: <https://www.tvsinopse.kinghost.net/art/y/yellow-kid.htm> Acesso em: 15 de maio 2019.

3.13 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO BRASIL (1905)

Segundo Lima (1989), a publicação das histórias em quadrinho no País começou em 1905. Para a autora, a imprensa brasileira tem uma visão receptiva sobre os desenhos e as caricaturas, contudo, o que acaba se tornando um empecilho é a concorrência das histórias estrangeiras com as produções de desenhistas nacionais para desenvolverem e fortalecerem o gênero no Brasil.

Figura 10 – A Turma do Pererê



Fonte: Site MundoHQ¹⁰, 2019.

Com periodicidade mensal, Pererê conquistou o coração dos brasileiros entre outubro de 1960 e abril de 1964.

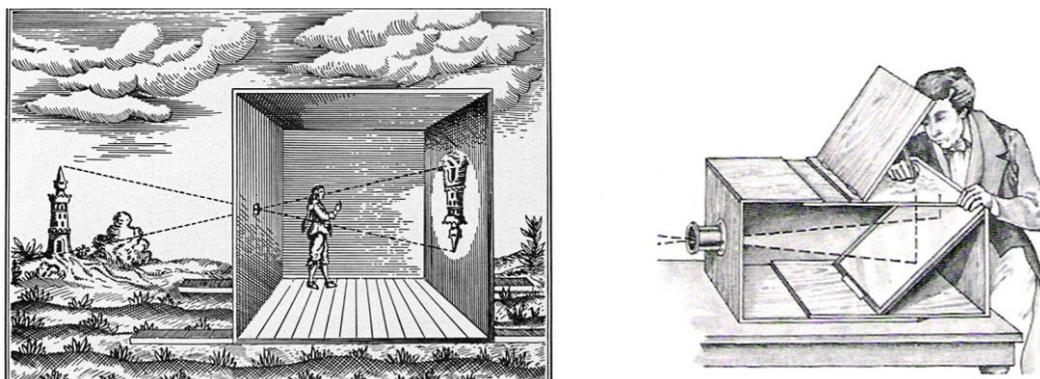
3.14 A DESCOBERTA DA FOTOGRAFIA (1826)

Os avanços tecnológicos trouxeram novas necessidades aos meios de comunicação, pois precisava não apenas aperfeiçoar os recursos que já existiam, e sim desenvolver, novas máquinas com a capacidade de capturar e transmitir sons e

¹⁰ Disponível em: <https://www.mundohq.com.br/historias-em-quadrinhos/publicacao/59/perere.html>
Acesso em: 15 de maio de 2019.

imagens, afirma Lima (1989). Um marco “nova era”, foi a invenção da fotografia, método capaz de gravar a imagem com total fidelidade ao real, era a captura da imagem fixada pela luz através da câmara escura. Joseph Nicéphore Niepce, obteve os primeiros resultados. Ele estudava as propriedades do cloreto de prata sobre papel desde 1817 e obteve sua grande obra no verão de 1826.

Figura 11 – Câmara escura



Fonte: Site Medium¹¹, 2019.

Câmara escura, local fechado, com único orifício num dos lados, é justamente por esta abertura que os raios de luz entram e refletem de forma invertida a imagem de fora (séc. XIII).

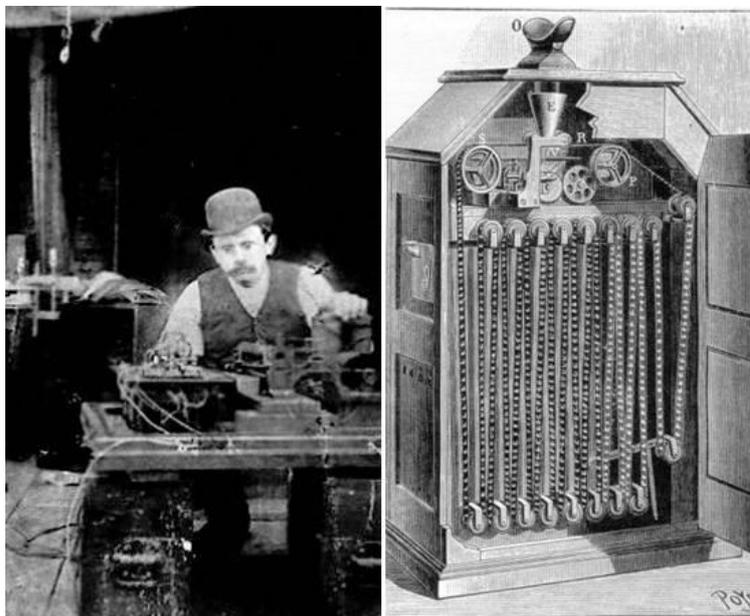
3.15 CINEMA (1887)

Depois do desenho, da pintura e da fotografia, o objetivo era conseguir reproduzir o mundo, mas em movimento, e não era por falta de tentativas, que não tinham êxito, porque desde a antiguidade tentavam criar imagens com ação, de acordo com estudo de Lima (1989). O famoso Thomás Edison, inventor da lâmpada incandescente e do fonógrafo, em 1887 desenvolveu o cinetoscópio, sequência de imagens que provocavam a ilusão de estarem em movimento. O invento de Edison não conseguia projetar as imagens e apenas uma pessoa por vez podia assistir o filme. Apesar de todas as limitações, foi considerado um dos mais próximos precursores do cinematógrafo, fazendo sucesso na Europa e na América. Mais

¹¹ Disponível em: <https://medium.com/@patricia.jones/hist%C3%B3ria-da-fotografia-27ec90487381>
Acesso em: 16 de maio 2019.

tarde, Thomás Edison cria o primeiro estúdio cinematográfico da história, o Black Maria.

Figura 12 – Cinetoscópio



Fonte: Site Super Interessante¹², 2019.

O cinetoscópio de Edison, patenteado em 1891, permitia a observação através de um furo, e foi o precursor de todos os subsequentes aparelhos de filmar.

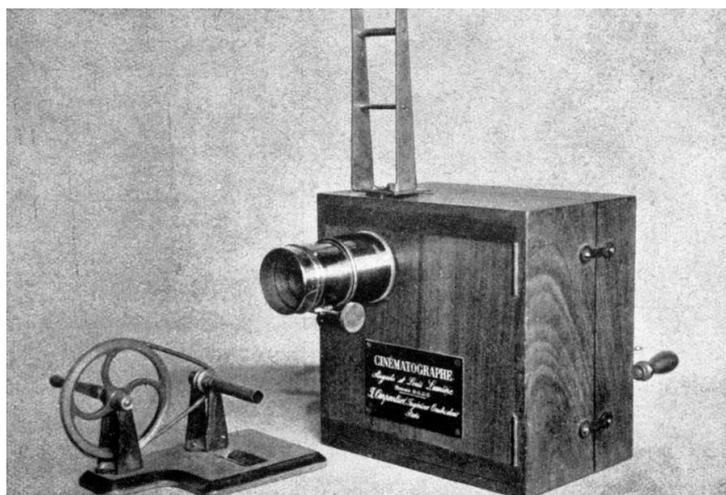
3.16 OS IRMÃOS LUMIÈRE E O CINEMATÓGRAFO

Filhos de fotógrafo, tentaram aperfeiçoar a criação de Thomás Edison, pois o objetivo deles era filmar simultaneamente. Depois de muitas tentativas, em fevereiro de 1895, enfim, desenvolveram um novo aparelho, o cinematógrafo. A invenção foi apresentada apenas em dezembro de 1895, em Paris. Desde o primeiro filme “A Saída dos Operários da Fábrica Lumière”, assim como “A Chegada de um Trem na Estação”, demonstravam que o cinema era mágico em criar “a ilusão do real”. Naquela época, o comentário de um jornalista chamou muito a atenção do público, no geral. Ele tinha argumentado que o cinema dava a possibilidade de ver quem não estava mais junto à nós. “A morte não será mais absoluta. As pessoas que vimos na

¹² Disponível em: <https://super.abril.com.br/galeria/conheca-12-fatos-que-marcam-a-historia-de-thomas-edison/> Acesso em 16 de maio 2019.

tela estarão conosco, movendo-se e vivas, mesmo após sua morte”. Não demorou muito para o cinematógrafo se tornar conhecido, pois combinava com o período de modernização da Europa, no final do século XIX. A fotografia e o cinema tornaram-se peças fundamentais para novas percepções do mundo sob a lente de uma máquina, afirma Lopes Lima (1989).

Figura 13 – O Cinematógrafo dos irmãos Lumière



Fonte: O Imparcial, ¹³2019.

O cinematógrafo era um aparelho capaz de capturar imagens em movimento (no século XIX).

3.17 A REVOLUÇÃO DA COMUNICAÇÃO: O RÁDIO

Com a evolução científica, os sistemas de comunicação desenvolveram-se ainda mais, e constantemente. Uma das maiores e mais marcantes descobertas da comunicação foi a transmissão de sinais por ondas, no espaço. Sem dúvidas, o rádio revolucionou os meios de comunicação, em 1897. Diversos estudiosos contribuíram para a criação das ondas do rádio, mas foi nas mãos de Guglielmo Marconi que registraram o primeiro sistema radiocomunicação, em Londres, em 1896. O aparelho de telegrafia de Marconi era capaz de emitir e captar sinais de distantes lugares. O italiano conseguiu a primeira transmissão marítima em 1897.

¹³ Disponível em: <https://oimparcial.com.br/noticias/2017/12/cine-praia-grande-exibe-mostra-122-anos-de-cinema/> Acesso em: 17 de maio de 2019.

Através do rádio, o conceito de comunicação de massa permitiu que as informações fossem amplamente transferidas, dentro dos países, mas também de maneira destoritalizada. Em 1901, as transmissões radiofônicas ultrapassam o Atlântico, superando inclusive sistema de cabos submarinos.

3.18 O RÁDIO NO BRASIL

Em 1893, o padre gaúcho Roberto Landell de Moura foi o primeiro a transmitir sinais, através de ondas de energia, cobrindo uma distância de 8 km, ultrapassando o poder de transmissão do próprio Marconi, que alcançava apenas alguns metros. O padre Moura também foi o primeiro a realizar uma transmissão com voz humana, no País, em 1899.

Apesar de ser o primeiro a patentear sua criação, o padre não foi bem aceito pela sociedade naquela época, consideravam um padre louco e acusaram ele de ser um “padre espírita”. Infelizmente, com tantas dificuldades e acusações, o padre acabou desistindo de seus estudos em relação à radiodifusão, conforme afirmações de Lima (1989). A primeira transmissão radiofônica, no País, aconteceu apenas em 1922, no morro do Corcovado, durante a comemoração de cem anos da Independência, ouviram pelo rádio o discurso do presidente Epitácio Pessoa.

Figura 14 – Rádio



Fonte: Site Clikaki¹⁴, 2019.

¹⁴ Disponível em: <https://clikaki.com.br/quando-o-radio-chegou-ao-brasil/> Acesso em: 15 de maio de 2019.

Não existe apenas um inventor da radiodifusão, pois vários mentores contribuíram: o italiano Guglielmo Marconi, que patenteou a transmissão-recepção eletrônica por centelhamento dos sinais telegráficos em código Morse em 1896, e o do norte-americano Nikola Tesla.

3.19 TELEVISÃO: A ERA AUDIOVISUAL

O ponto de partida que permitiu a invenção da televisão, surgiu através das descobertas do sueco Barão Belzeleu, ainda em 1817. Um dos meios de comunicação mais importantes, a televisão tomou grandes proporções com as descobertas de Wladimir Zworikin, em 1925, quando ele patenteou o iconoscópio, inaugurando assim a televisão eletrônica. Em 1950, nos EUA já existiam cerca de 107 emissoras, após a Segunda Guerra Mundial, não demorou muito para a televisão se expandir rapidamente.

Figura 15: Televisão



Fonte: Site Veja¹⁵, 2019.

Com o surgimento da TV, alguns conceitos entre os meios de comunicação tomaram outros horizontes como, por exemplo, a televisão passou a trabalhar com os jornais, como meio de informação, já o cinema passou a ser uma forma de lazer. A televisão teve um salto rápido na sua audiência, em menos tempo ela já fazia

¹⁵ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/evolucao-das-tvs-do-tubo-ao-5k/> Acesso em: 16 de maio de 2019.

parte dos lares. No Brasil, a TV teve a mesma aceitação, conquistando o público de uma forma hipnotizante. Pelo empenho de Francisco de Assis Chateaubriand e Raulo de Almeida, a televisão chega no Brasil, em 1950. A primeira emissora de televisão da América Latina, a Tupi de São Paulo, inaugurada em 1951.

A linguagem da televisão representa o jornalismo enquanto instituição. A TV tem a capacidade assim como os demais veículos de comunicação, “absorver fórmulas e dogmas de outra procedência, sem, no entanto, abdicar dos seus próprios signos de linguagem e estilo. Para o autor, quanto mais as questões discutidas pela televisão forem complexas, específicas e intelectuais, mais agregador é para a linguagem do telejornalismo. Na sociedade contemporânea, o jornalismo prega por uma linguagem cada vez mais coletiva. Os veículos são capazes de trazer compreensão sobre as necessidades das pessoas, como os aspectos mais relevantes da sociedade (desemprego, economia, violência, educação, etc.). Assim como foi em outros veículos como a rádio e o impresso, a TV, desde o princípio tem o objetivo de mudar ou influenciar no comportamento das pessoas, ao ponto de gerar hábitos de consumo, por exemplo. A televisão fez com que o público despertasse interesse por mais notícias (BAHIA, 1990, p. 84-85).

3.20 JORNALISMO: TEMPOS DE CONVERGÊNCIA

Até o momento, este capítulo tratou de explicar o surgimento e a evolução da comunicação e dos meios de comunicação da história mundial. Juntamos também a história da comunicação com os aspectos da sociedade, pois desde o começo da civilização humana, a comunicação estava presente; nos conflitos por dominação, nas revoluções econômicas, políticas e sociais. Em cada diferente época, a comunicação estava acompanhando as mudanças, e ao mesmo tempo, evoluindo constantemente. A partir de agora, iremos aprofundar os estudos para as técnicas jornalísticas utilizadas nos dias de hoje, para produzir informação levando em consideração aspectos relacionados à contemporaneidade.

Segundo Bahia (1990), nas percepções jornalísticas sensíveis, o jornalismo é constituído através de relatos da vida social. Na qual todos estão diretamente relacionados. Portanto, no geral, a comunicação, os meios de comunicação e a informação estão inseridos no cotidiano de todos, além de serem grandes influenciadores da sociedade, e contribuírem na formação da opinião pública. Na

concepção do autor, qualquer meio que seja capaz de levar informação é considerado jornalismo. Entende-se que a missão do jornalismo é assumir a condição de intermediário da sociedade. Bahia ainda afirma:

Assim, o Jornalismo deve estar atento ao seu propósito imediato de levar ao público às informações - seja para gerar nele reações imprevistas ou para causar-lhe uma sensação tão agradável quanto a que antigamente despertavam trovadores e novidadeiros com suas cantigas e sátiras - como ao elenco de deveres morais implícito no seu exercício. (BAHIA, 1990, p. 21).

Para comunicação em massa, o jornalismo atua com o objetivo de “informar, explicar e orientar”. As ferramentas do jornalismo são inúmeras e diversas, entre elas destaca-se as atribuições voltadas para a economia, a educação e a social. O que torna o jornalismo diferente das demais profissões, é a dedicação em executar as atividades da informação e orientação (LIMA, 2009, p.11).

Lima (2009), destaca que o jornalismo se comporta em conformidade com os acontecimentos de nossa realidade, considerados de grande relevância. O autor ainda descreve essa ligação como um “jogo contínuo de ação-reação com o seu ambiente. Conforme alerta Medina (1977 apud LIMA, 2009, p. 11), faz-se necessário estudar o caso em uma visão ampla, que possa constatar a informação como resultado da “comunicação de massa”, a mesma se resulta também em “indústria cultural”, o que define esse processo são os aspectos de uma sociedade industrial e urbanizada.

3.21 DESDOBRAMENTO PARA O JORNALISMO LITERÁRIO AVANÇADO

O jornalismo literário é entendido através de três diferentes categorias que trazem à tona o entendimento entre a prática e o conhecimento desse Gênero jornalístico. A primeira delas está relacionada às ferramentas e técnicas que fogem dos modelos convencionais de produzir jornalismo, como por exemplo, a maneira de “captação da realidade” e a interação do jornalista como autor/repórter mergulhado no universo da sua pauta; além dos recursos narrativos que vão ao encontro das descrições que mostram os detalhes da reportagem, e também como os métodos diferenciados de edição das matérias. A segunda categoria diz respeito ao Jornalismo Literário caracterizado pelo seu estilo próprio e voz autoral. Já o jornalismo convencional é linear em suas expressões conservadoras, produzido em

grande circulação. No Jornalismo Literário, existe a valorização da individualidade de estilo, personalidade narrativa do autor, bem como sua maneira de reportar o real; a maior diferenciação do Literário para o tradicional é a liberdade e a forma do autor interagir com os personagens da narrativa. A terceira e última categoria proposta por Lima (2009), refere-se à compreensão de mundo sobre o que é revelado intrinsecamente na narrativa.

3.22 NARRATIVAS JORNALÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS

Todo repórter de hoje precisa buscar por uma informação em que cause algum impacto para o público, no geral. No entanto, nem sempre é fácil transformar em narrativas jornalísticas a história de uma pessoa comum, pois ao mesmo tempo precisa alcançar também o interesse da sociedade. É nesse instante que precisar ser aguçado em sua capacidade de percepção do real. Ou seja, a narrativa é sobre uma pessoa comum, certo? Então, é fundamental levar em consideração que a sociedade é feita por pessoas comuns – trabalhadores – por exemplo. Por causa disso, um dos maiores desafios da contemporaneidade é capturar as percepções das histórias de vida reais e mais próximas do que imaginamos, e contá-las por meio de narrativas. Neste contexto, o jornalista carrega em si, a missão de narrar histórias de vida “fragmentadas”, tendo a essência poética intimista. Em outras palavras, o jornalista além de narrar, precisa também, expor seus sentimentos, emoções e emoções dentro do texto. O jornalismo contemporâneo aflora uma nova perspectiva de envolvimento e articulação do social, nas narrativas, seja individual, artística ou comunicação social. Como a autora diz, as produções simbólicas exigem transmitir os “impasses caóticos”, desejando também um “cosmos dinâmico e emancipatório” (MEDINA, 2003, p. 48).

A arte de narrar acrescentou sentidos mais sutis à arte de tecer o presente. Uma definição simples é aquela que entende a narrativa como uma das respostas humanas diante do caos. Dotado da capacidade de produzir sentidos, ao narrar o mundo, a inteligência humana organiza o caos em um cosmos. O que se diz da realidade constitui outra realidade, a simbólica. Sem essa produção cultural a narrativa – o humano ser não se expressa, não se afirmar perante a desorganização e as inviabilidades da vida. Mais do que talento de alguns, poder narrar é uma necessidade vital. Além disso, Cremilda aborda a questão de as narrativas servirem

como “aprendizagem dos esquemas narrativos”, baseados na “trajetória humana”. Retoma dentro deste mesmo viés, a presença da intuição e da sensibilidade, como ela mesmo descreve como “radar profundo para sentir o mundo”. Para o jornalista, não é apenas perceber o mundo, mas escrever as percepções de uma forma coletiva, condizentes com as experiências, que por sua vez, são desenvolvidas com uma “gramática narrativa”. Nos dias de hoje, segundo a autora, existe uma escassez de jornalistas sensíveis na hora de pautar e de comunicar o que está ao seu redor. Muito disso, deve-se ao fato, de que os profissionais estão presos às rotinas técnicas da área que, a grosso modo, são os comandos estabelecidos pelas empresas, desde os sindicatos, até a grande imprensa. Este pode ser um dos grandes problemas de transformar os consumidores em parceiros do caos contemporâneo (MEDINA, 2003, p. 47).

3.23 JORNALISTA: O CONTADOR DE HISTÓRIAS REAIS

O jornalista assume sua função diante de sua profissão e diante de seus deveres para com a sociedade. Por isso, os referenciais teóricos deste trabalho, coincidem com os interesses desta pesquisa; de tratar o jornalista não como simples comunicador e nada além. Aqui, iremos discutir as funções do jornalista, e evidenciar suas características como um jornalista que narra histórias de vida, com bases técnicas e linguísticas do jornalismo.

O jornalista deve ir além de suas técnicas convencionais de fazer notícia, para Rejane Moreira (2016), o pensamento do autor Martin Barbero está disposto em uma comparação entre mediação e jornalismo, para ele a mediação possibilita “formas de ação de pensar, perceber e experimentar o mundo”. Barbero acredita que “perceber é criar”, que a mediação movimenta o jornalismo como se toda produção jornalística fosse uma “criação e repetição, repertório e inovação”, pensando dessa forma, o autor entende que através da mediação há uma compreensão dos múltiplos sentidos desenvolvidos por meios das relações entre sujeitos no jornalismo. Moreira enxerga essa relação entre os sujeitos como um encontro, uma comunhão, isto é, uma comunicação baseada na forma de ver e sentir.

Compreender é diferente de explicar. A explicação adota uma visão unilateral, verticalizada, de cima para baixo, reducionista. Mostra o mundo sob uma ótica única ou de pouca abertura. Já a compreensão busca exibir o

mundo sob perspectivas diversificadas. Mais do que isso, ilumina as conexões entre conteúdos aparentemente desconectados. Interliga dados, mostra sentidos, perspectivas. Faz, nos bons casos de jornalismo literário, com que o leitor perceba o que tem a ver, com sua própria vida, tudo aquilo que está lendo. (LIMA, 2009, p. 366).

O jornalista tem o poder de desarmar qualquer fonte, levando em consideração que, nos dias atuais, as pessoas andam bloqueadas para todo tipo de contato, inclusive entrevistas de cunho jornalístico. Portanto, para se obter o resultado esperado ou acima das expectativas, o entrevistador deve buscar traços que revelam o seu “grande toque mágico” para com o entrevistado. Definidos pelas seguintes características: sentir o entrevistado com curiosidade, mas respeitando seu espaço; ser criativo nas situações imprevisíveis que podem surgir durante a entrevista; e, não limitar a entrevista, mas sim, tornar possível um diálogo social, criativo e dinâmico. (MEDINA, 1986, p. 30). Autora ainda afirma:

Realmente, a força de tal encontro dialógico (que não é misticismo, é realidade possível) ilumina o instante concreto, sacode a emoção e a razão: ambos saem perturbados e sem definir muito bem o que aconteceu. Só sabe o que aconteceu. Essas duas pessoas colocadas uma diante da outra por circunstâncias que não seu histórico individual. Cruzam definitivamente caminhos, não são mais indiferentes. A carga emocional da interação social criadora vai desaguar na matéria editada com este tom maior que fica visível, audível, e será socializado através da plena identificação: o leitor, telespectador, ouvinte comunga com essa relação total, entra nela pela magia da linguagem simbólica que substitui o ato da entrevista. (MEDINA, 1986, p. 32).

3.24 REFLEXÕES SOBRE A ARTE DA NARRATIVA

Como jornalista, sinto que é preferível contar histórias do que inventá-las. Por esta preferência, em particular, as narrativas jornalísticas decifram muito dos desejos das pessoas, em contar suas histórias e, ao mesmo tempo, relacioná-las diante dos aspectos sociais, políticos, econômicos do País. “Artificialmente, o jornalismo convencional esqueceu-se disso, buscando estruturar seu discurso de modo considerado por muito tempo lógico, racional e objetivo. Pelo exagero, o que se gerou foi um modo de comunicação social muitas vezes asséptico, que o leitor logo esquece” (LIMA, 2009, p. 358).

Preparar perguntas e levantar os pontos polêmicos que serão tratados na matéria é o início do trabalho. Mas o repórter deve estar sempre livre de qualquer preconceito, qualquer idéia pré-fixada pela pauta ou por ele. É a sua sensibilidade que vai determinar o enfoque da matéria (KOTSCHO, 2001, p. 41).

A reflexões propostas neste capítulo são artifícios resultantes de uma longa jornada da comunicação, ao decorrer da evolução humana. O próximo capítulo será nosso embarque para um dos principais objetivos deste estudo: estudar as possibilidades de produzir narrativas jornalísticas baseadas no universo feminino.

4 UNIVERSO FEMININO

O presente capítulo propõe-se analisar o universo feminino, a partir de suas conexões com tudo ao seu redor. É preciso entender a relação que existe no universo feminino, pois, segundo a autora de 'A ciranda das mulheres sábias', a psicanalista e poetisa Clarissa Pinkola Estés (2019), "Quando uma pessoa vive de verdade, todos os outros também vivem". Assim acontece com a mulher, é preciso se reconectar consigo mesma e umas com as outras.

Para entender melhor o universo feminino, devemos ouvir àquelas mulheres que acumularam sabedoria, ao longo de suas existências. Uma sábia senhora chamada Margarita Núñez García, conhecida por Abuela Margarita, nascida no interior do México, carrega mais de sete décadas de conhecimentos, herdados de seus antepassados, os Maias. Em entrevista para o El Orejiverde, Diário dos Povos Indígenas (2019), a Vovó Margarita afirma que a mulher precisa transportar do seu coração todo amor que carrega em seu universo feminino. Também evidencia que as mulheres e os homens devem pensar com o coração e seguir a missão da sua natureza, e deixar uma "semente de luz", ao concluir sua passagem pela "mãe terra". Para ela, a mulher tem a missão de ensinar o homem a amar, pois quando a mulher consegue passar a energia do amor, conseqüentemente, o homem muda seu comportamento em relação à mulher e à mãe terra.

"Todos os seres humanos são ricos e são seres cósmicos, por isso a importância de valorizar o universo feminino de tal forma que tenhamos compreensão", segundo Abuela Margarita. A sábia Vovó Margarita descreve sobre o "Despertar Feminino", que está associado ao coração, aos nossos sentimentos e à valorização da mulher perante à sociedade. Ela afirma que o amor não está ligado apenas à sexualidade, mas, sim, à disposição dos homens e das mulheres em amar. Para a curandeira tudo está ligado; os seres vivos, as plantas e as pessoas; todos fazem parte de um universo maior. Com palavras de sabedoria, a velhinha de cabelos brancos, afirma que somos tão pequenos, insignificantes em tamanho, porém ao mesmo tempo estamos no centro do universo, e um dia voltaremos a encontrar a solução das coisas dentro de nós.

Para que faça sentido estudar o universo feminino, devemos entender as relações entre os estudos sobre as mulheres. Assim como os ensinamentos de

Abuela Margarita, as pesquisas sobre Mulher Selvagem, de Clarissa Pinkola (1994) se unificam em busca da recuperação na natureza da mulher enquanto peça fundamental do universo. Assim, quando a mulher volta a sua essência, ela se renova, tanto na força, quanto na sua bravura. Tudo nelas brotam e florescem, ou seja, ela volta a ter significado, saúde e intensidade em seus relacionamentos. A natureza da mulher lhe dá o mesmo direito que os demais seres têm de crescer e de manifestar toda sua força. As mulheres são comparadas com os lobos, no que diz respeito à resistência e a força. São seres com a intuição elevada, se preocupam com seus filhotes, seu parceiro e seu grupo. Uma enorme capacidade de se adaptar, ferocidade e muita coragem, para enfrentar qualquer circunstância (ESTÉS, 1994, p. 7). A autora ainda complementa:

Essas palavras, mulher e selvagem, fazem com que as mulheres se lembrem de quem são e do que representam. Elas criam uma imagem para descrever a força que sustenta todas as fêmeas. Elas encarnam uma força sem a qual as mulheres não podem viver. O arquétipo da Mulher Selvagem pode ser expresso em outros termos igualmente apropriados. Pode-se chamar essa poderosa natureza psicológica de natureza instintiva, mas a Mulher Selvagem é a força que está por trás dela. Pode-se chamá-la de psique natural, mas também o arquétipo da Mulher Selvagem se encontra por trás dela. Pode-se chamá-la de natureza básica e inata das mulheres. Pode-se chamá-la de natureza intrínseca, inerente às mulheres. Na poesia, ela poderia ser chamada de "Outra", "sete oceanos do universo", "bosques distantes" ou "A amiga".¹ Na psicanálise, e a partir de perspectivas diversas, ela seria chamada de id, de Self, de natureza medial. Na biologia, ela seria chamada de natureza típica ou fundamental. (ESTÉS, 1994, p. 11).

4.1 UNIVERSO FEMININO E O JORNALISMO LITERÁRIO AVANÇADO

Essa sensibilidade diferenciada, a conexão com o Universo e, ao mesmo tempo, com a natureza, justifica o fato de que, neste estudo, tenha-se optado por associar, como base teórica e prática, os ensinamentos do Jornalismo Literário Avançado. Segundo Martinez (2012), para Campbell e Moyers (1990), a missão nem sempre é achar um significado, às vezes a missão é apenas se aventurar. “[...] narrativas como as de viagem simbolizam a aventura da autodescoberta humana (MARTINEZ, 2008). Por este motivo, o autor define que “ toda viagem externa é um mergulho interno”. Todas as manifestações externas, são sinais das inquietações internas que as pessoas experimentam.

“Os meios de comunicação produzem então conexões, valores, sentidos e formas de pensar e sentir”, de acordo com Moreira (2016). Toda relação social é

concebida através da comunicação. É assim que as narrativas nascem, pois criamos histórias a partir de histórias de vida. Resumidamente, o jornalismo apenas mostra o que as pessoas são, como elas vivem e quais são suas expectativas.

Sodré (1986) destaca que todos os discursos são eficazes, ao ponto de alertar uma realidade aceita e dita como “real, material e espiritual”. O mais importante, para o autor, é utilizar narrativas mais próximas da linguagem e do entendimento do leitor, independentemente do grau de conhecimento. Isso é fundamental, para que ocorra aproximação com o público-alvo, no momento da leitura, no sentido de envolvê-lo, como se estivesse participando através de seu imaginário, de um “filme”.

Segundo Thum (2009), o processo de recordação do entrevistado está ligado a mediadores, como a realidade na qual vive atualmente, que, para o autor, interfere necessariamente, na construção das “releituras situacionais”. Em outras palavras, isso significa procurar nas “entrelinhas” de uma conversa espontânea, aquilo “que esconde, [...] esquece, lembra e constrói uma realidade capaz de manter estável uma perspectiva de vida”, afirma Thum (2009). O autor ainda, explica, que não há como construir nossas lembranças, nossas memórias, sem contar com as “narrativas da vida”. A narrativa condiciona o “processo de pesquisa e análise”. A partir do ato de “narrar”, a memória é ativada, colocando em exercício os pensamentos, as ações, os acontecimentos, e tudo aquilo que guarda em si, significação. O autor ainda afirma que, no processo das narrativas, é desenhado, através do cotidiano da pessoa, juntamente com todo apoio documental, o contexto necessário, para que a pessoa tenha condições de analisar os assuntos abordados.

4.2 O UNIVERSO FEMININO E O PODER DAS NARRATIVAS

“Decifra-me ou te devoro”, reportagem realizada pela jornalista Maria Luiza Cardinale Baptista, na obra *Econautas* de Edvaldo Pereira Lima, as narrativas surgem a partir de uma percepção em relação à cidade de Porto Alegre, percorrendo lugares tradicionais e com maior aglomeração de pessoas. A proposta da autora era traçar um caminho de narrativas jornalísticas em que o leitor pudesse acompanhá-la, do início até o último relato. Cardinale demonstrou que, por meio da observação e do sentir, é possível fazer jornalismo contando histórias. Ela não queria apenas narrar o cotidiano dos personagens de Porto Alegre, ela queria tornar-se parte da

reportagem através da experiência. Para a jornalista, assim era uma maneira de se conectar aos personagens, proporcionando sentido de aproximação do público leitor. A missão era sensibilizar o leitor, para que se sentisse dentro da reportagem, assim como a autora se sentiu.

Senti a diferença. Senti-me meio que embebedada da matéria. Senti como se a informação fosse um líquido bom, saboreado a cada gole, daquela maneira que só os bons de copo sabem fazer, sem pressa. Mais ainda: indescritível o sentimento de felicidade ao reencontrar-me jornalista, repórter de rua, perceber que para mim, o jornalismo é oxigênio, é a própria vida. (BAPTISTA, 1996, p. 26).

“Como explicar a relação das pessoas com o espaço urbano?” A pergunta que deixava Cardinale inquieta, pois ela buscava decifrar este enigma. Ao observar a senhora Tereza Batista Mendes, tocando gaita, sentada no chão da calçada da Capital Gaúcha, a jornalista descreveu que ela representava um “triste elemento de uma paisagem urbana”, para o centro de Porto Alegre. Autora ainda explica que:

O som de uma gaita - instrumento musical conhecido em outras regiões do país como sanfona - chama minha atenção. Procuo a origem. No chão, avisto uma senhora de cabelos loiros, um pouco grisalhos, e olhar triste. Às vezes, pára de tocar, para contar o dinheiro deixado na caixa de sapato ao seu lado. Triste elemento de uma paisagem urbana. Sandálias brancas, com tiras soltas. Saia azul de bolinhas brancas. Blusa verde com bolas - maiores - pretas. Laço e espécie de borboleta no cabelo. Muleta ao lado. Rosto enrugado. Triste. “Ai, João... Foi e não voltou. Foi-se embora e sozinha me deixou”, vai cantando, como um lamento, enquanto balança o corpo e bate, de leve, um dos pés, como se dançasse. Está sentada em um degrau do chão no cruzamento da Rua da Praia e a Rua da Ladeira - de novo - oficialmente, Rua General Câmara. (BAPTISTA, 1996, p. 18).

Para Cardinale, a teoria da “legibilidade” do autor Kevin Lynch nada mais é que uma forma facilitada de organizar e reconhecer os personagens, em uma estrutura que faça todo sentido, para as narrativas exploradas da “cidade como objeto de percepção dos seus habitantes”. A composição da imagem requer uma análise dos seguintes aspectos: identidade, estrutura e significados. Assim, deve-se chegar à “noção da imagibilidade” (o poder que um objeto tem de despertar uma imagem intensa ao observador), destaca autora. Ela complementa:

As pessoas passam, quase tropeçam. Algumas param e colocam um dinheiro na caixinha. A maioria nem enxerga. é um obstáculo humano. Sento-me ao seu lado. Interessante que aí mais pessoas começam a perceber a mulher e algumas fazem expressões de estranhamento, como se não entendessem o contraste entre eu e ela. Fico um tempo apenas ouvindo a canção triste e observando, pessoas versus espaço. Big Burger. Rua dos Andradas. Itaú. Caixa Federal. Unibanco. Strassburger. De novo, o mosaico de palavras, cores, matizes. O centro da cidade é o retrato do pós-

moderno, penso. O centro financeiro do Real mistura-se com as lojas, as empresas de prestação de serviços, o formigueiro humano, e exemplos como o da catarinense de Brusque, Tereza Batista Mendes, olhos claros, 62 ou 63 anos - ela não sabe bem, no chão. (BAPTISTA, 1996, p. 19)

O que mais chama a atenção de Cardinale é a ligação das partes na produção jornalística. “Uma espécie de entrelaçado cósmico, de níveis concretos e, muito sutis. Abstratos, mas intensos” (BAPTISTA, 1996, p. 25). Não se cria uma pauta do dia para noite, segundo a autora as fontes surgem de diferentes lugares – vem de dentro de nós – do que compartilhamos com outras pessoas, ou seja, as pautas são construídas a partir do interior da pesquisadora também, como ela mesma denomina que vem de “lugares internos”. A mesma pressupõe que a pauta só é bem aceita, quando conseguimos traduzir o que sentimos, nossas “vivências internas, de tempos múltiplos, a fim de produzir um texto intensidade, uma costura de falas, de viveres, de caminhares”.

Para autora, tudo foi possível devido ao Jornalismo Literário Avançado, assim novas perspectivas foram desenhadas, agora, com uma maneira sensível de absolver os relatos. Apenas uma grande reportagem proporciona essa liberdade de capturar as falas, as expressões de uma forma que o observador se permita mais. Observação e percepção foram ferramentas indispensáveis para produzir as narrativas; cada pequeno detalhe, seja da paisagem, das pessoas, das falas, dos comportamentos, tudo se tornou essencial nesta grande reportagem. “Foi resultado de uma disponibilidade para enxergar, ouvir, sentir. Não sei se é realmente o suficiente, mas sei que foi interessante, diferente” (BAPTISTA, 1996, p. 26).

De acordo com Criselli Mentipó (2011), o jornalismo precisa ser capaz de demonstrar a complexidade humana. Ela ainda afirma que, segundo Luiz Beltrão (2006), isso significa relatar os “[...] mecanismos complexos sociais, (inseguranças e crises, propagação de culturas, concentração de massas)”. O autor ainda afirmou que existe um anseio por informar tudo que acontece, tendo em vista que o jornalismo tem a capacidade de influenciar a vida de todos na sociedade. Ele defende que a função do jornalismo é de informar todo acontecimento com coerência, interpretação e transmissão adequada sem perder o propósito principal de propagar o conhecimento e guiar a opinião pública incentivando o bem comum.

5 PERFIS JORNALÍSTICOS: A REPORTAGEM VIVIDA

Não sei se a vida é curta ou longa para nós, mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas. Muitas vezes basta ser: colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que acaricia, desejo que sacia, amor que promove. E isso não é coisa de outro mundo, é o que dá sentido à vida. É o que faz com que ela não seja nem curta, nem longa demais, mas que seja intensa, verdadeira, pura enquanto durar.

Cora Carolina

5.1 ALMA DE MULHER

Em um belo domingo de maio, no Parque dos Pinheiros, senti uma paz fora do comum. Ao ouvir os pássaros, o barulho dos peixes, os gritos de alegria das crianças ao brincar, a prosa dos velhos amigos, a ternura e a cumplicidade dos casais, ao caminhar de mãos dadas, tudo isso traduzia completamente o significado da palavra “encontro”. Em um banco à beira do lago, sob a companhia de uma nuvem de borboletas de todas as cores que sua imaginação possa chegar, estava a esperar por Sirlei Spech, uma mulher que combinava com aquela paz, pois ela fazia parte deste universo. Assim que ela chegou, estava a ler sobre como o jornalismo se difunde com a literatura e que, também é provido de inspiração, segundo Bahia (1990).

Uma das primeiras sensações que Sirlei me proporcionou foi observar o sol, enquanto ela contava sua história. Percebi o quanto o calor do sol era semelhante à energia daquela alma feminina. Quanta ternura, serenidade e paz ela carregava consigo! Não imaginava que era possível traduzir um universo em uma alma, mas Sirlei mostrou que, sim, era possível.

Vinda de uma família simples com muitas dificuldades, Sirlei, desde muito jovem, aprendeu a ser responsável e a conservar, para sua vida adulta, os ensinamentos de seus pais. Emocionada, aquela mulher conta suas lutas e destaca

como um amor pode ajudar a vencer os grandes obstáculos da vida. Há 22 anos, ela conheceu o amor da sua vida, seu esposo, Aldair. Ela mesma define que o momento era delicado para ambos; ela vinha de dificuldades familiares, ele tinha perdido recentemente seu pai.

Neste instante, senti o amor que ela transmitia nas palavras, ao confessar seu carinho e admiração pelo seu companheiro de décadas. Sirlei fala de amor, usando exemplos de como é importante ter paciência para compreender, perdoar e ajudar quem amamos a melhorar e a corrigir seus erros. A mãe de Sirlei, dona Juliana, teve quatro filhas e um filho, todos deram netos e netas, exceto Sirlei, a única que, resolveu não ser mãe. Ela conta, sorrindo que nem tinha pretensões de casar. Aldair, seu esposo foi obra do universo, segundo ela. Sirlei conta também que eles se entenderam bem sobre o assunto ‘filhos’. Já que Odair compreendeu a mulher, e a respeitou, pois ele também não sentia a necessidade de ter filhos. Ambos decidiram viver suas vidas – lado a lado – felizes sem filhos.

Assim que casou, Sirlei foi viver com seu esposo, na casa de sua sogra, Ema Leda. Boa parte do tempo de casados sua sogra estava presente. Muito aprendeu com ela, e acima de tudo compreendeu os pensamentos e as atitudes da mãe de seu esposo. Embora viesse a discordar, respeitá-la era seu dever. Ao ser diagnosticada com câncer, Ema adoecia rapidamente e, em pouco tempo, já se encontrava em estado grave no hospital. Emocionada, Sirlei conta que ouviu o espírito dela a chamá-la. Mesmo sabendo que sua sogra estava inconsciente, ela resolveu visitá-la na UTI, parecia que sentia a necessidade de conversar com ela. Duas horas depois, recebe a notícia que vinha a falecer. “Ela precisava me ver para que seu espírito pudesse descansar em paz”. Sirlei reconhece sua sogra como uma mulher que sempre fez tudo pelo bem-estar da família, “ela foi a melhor mulher que podia ser”.

Sirlei teve a “vida perfeita”, seu escritório ficava em casa. Há mais de dez anos, ela assumiu o papel de cuidar da parte financeira da empresa de seu esposo. Para ela, sua casa é o melhor lugar do mundo, por isso seu trabalho e, conseqüentemente sua vida é definida como perfeita. Ela ama sua família, todos são muito importantes, é claro que toda família tem seus problemas, com sua mãe, por exemplo, sempre houve um certo atrito, no que diz respeito às divergências de opiniões.

Segundo Sirlei, sua mãe tem uma visão de mundo diferente da dela, “a geração das mulheres da época de minha mãe sofreu muito com relação a submissão aos maridos, era dever cuidar da casa, ter filhos e fazer tudo que seus maridos exigiam delas. Eu já penso diferente”, diz Sirlei, sorrindo.

A infância e a juventude desta mulher não foram fáceis, moravam de aluguel, ela conta com lágrimas nos olhos, o quanto seu pai sofreu para dar conta de tudo. As dificuldades tornaram Sirlei e seus irmãos mais fortes, com isso souberam vencer os problemas e mudar sua realidade, mas ela explica que, hoje em dia, considera sua vida perfeita, contudo, ninguém além dela mesma sabe o que ela faz para que sua vida seja do jeito que ela deseja. Muito deste pensamento positivo, ela atribui ao modo que enxerga a vida e os desafios que se depara diariamente. “Devemos compreender os acontecimentos, e tentar sempre aceitá-los”, tudo é questão de atrair as coisas boas ou ruins. “Eu não vou onde a multidão vai, vou onde acho que devo ir, onde me sinto bem”.

Ao longo da conversa, resolvi questionar o que mais admirava em seu esposo; ela ficou surpreendida, pois não imaginava definir em poucas palavras, um sentimento tão profundo e intenso por alguém que está junto há muitos anos. A resposta veio com um sorriso tão sincero; “ele é um homem bom, me deu uma vida que eu não tinha”. Após três anos de casamento, Sirlei começou a trabalhar na empresa de seu esposo, e desde 2000 até os dias de hoje, a empresa obteve maiores resultados, apesar de todas as crises econômicas do País, a empresa de pantufas e chinelos se manteve ativa e prosperando. Muito deve-se à persistência de Sirlei, que independentemente de tudo, sempre acreditou que ajudar seu esposo era gratificante para ela. Contudo, muitos na sua família acreditavam que os méritos eram todos de seu esposo, e não dela. Sim, ela ficou muito triste, qual mulher não ficaria? Por anos, a crença de que não era suficientemente capaz de contribuir afetou Sirlei, mas hoje, ela diz ter aprendido uma lição: “O universo sabe do que eu fiz. Uma das coisas que percebi é de que não devemos esperar do ser humano um reconhecimento”. Foi com seu esposo Aldair que ela viajou pela primeira de vez de avião, fez viagens inesquecíveis e conheceu lugares lindos. Amor não é construído apenas com palavras, como eu te amo, mas demonstrado com atitudes, explica Sirlei. Além das coisas boas, tem os defeitos, pois Aldair, foi filho único, teve regalias, foi muito mimado, Sirlei sente que uma das missões de sua vida deve ser, possivelmente, estar ao lado de seu marido, ajudá-lo a entender as coisas ao ponto

de querer melhorar. Neste momento da conversa, olhei para Sirlei e me lembrei das palavras de Abuela Margarita, de que a missão da mulher é ensinar o amor para o homem. Somente assim ele mudará seu comportamento em relação à mulher e ao universo.

Fico feliz com a resposta, ao perguntar se ela gosta de morar em Farroupilha, pois, no mesmo momento, ela diz que gosta da cidade, e que, aos 18 anos, foi morar em Portão, com os pais, depois de um tempo retornou para Farroupilha. Nesta cidade, ela viveu grande parte de sua infância, e desde sua juventude até nos dias de hoje, conta com a companhia de esposo. Sirlei, tens seus 46 anos de muitas experiências, ela descreve que os últimos três anos evoluiu muito espiritualmente. Hoje ela sabe que sua paz e sua felicidade não depende de ninguém além dela mesma, por isso é cuidadosa com as questões da alma. Todos os dias, esta encantadora mulher busca melhorar sua vida espiritual, através de métodos como a ressonância harmônica; mapa astral; e estudos relacionados aos arquétipos. Para Sirlei, não existe nada mais prazeroso do que entender seus sentimentos e aprender sobre as energias do universo. Ela diz que, por falta de dar atenção a si mesmas, as pessoas vivem machucadas. Por isso, muitas delas não têm condições de evoluir em um relacionamento, pois não estão abertas a compreender o outro. “ Todos estão com o coração machucado pelas feridas da vida. Muitos falam mal do casamento, sem ter ao menos casados”. A missão de Sirlei, segundo ela mesma, é ajudar sem julgar, e para isso ela está convicta de que é preciso evoluir espiritualmente neste universo.

5.2 BASTIDORES DO ENCONTRO

Desde outubro de 2018, comecei a trabalhar na recepção da academia onde treino, R1 Arena Fitness, em Farroupilha. No início, decidi trabalhar ali, apenas com o objetivo de ganhar uma grana extra, mas na medida que o tempo passava, o extra se tornou minha renda principal. Meu trabalho foi uma oportunidade única de entender o significado da hospitalidade e de como um “bom dia” pode fazer a diferença na vida de quem recebe. Quando percebi que fazia realmente diferença para as pessoas pelas quais recepcionava, os elogios da minha parte cresceram dia após dia.

Na faculdade, o meu desejo de falar sobre as mulheres e sobre o universo feminino foi se moldando e tomando forma. Ao conhecer Sirlei, que era aluna da academia, foi uma energia muito boa, sempre respondia ao meu bom dia com uma positividade fora do comum. Algo me despertava curiosidade, queria entender porque estava sempre de bem com a vida. Então decidi conversar com ela sobre a vida e sua história. Sirlei sempre treinava de segunda a sexta, na primeira hora da tarde, e quando chegava na recepção, vinha direto me cumprimentar, sempre no mesmo tom de voz, mesmo brilho nos olhos, sua alma refletia toda paz existencial. Estava sempre pronta a dar conselhos, independente se conhecia ou não a pessoa. Conselhos sobre a vida, a importância do perdão para seguir em frente. São detalhes sensíveis de uma alma de mulher que chegou ao meu coração, iluminou minha alma e tocou o meu universo feminino. Ela me fez pensar: de que forma posso entender melhor o universo feminino, a partir da Sirley? Na primeira oportunidade, pedi se podíamos conversar sobre a vida, e para minha alegria, ela, de bom grado disse sim.

Em um domingo de maio, no Parque dos Pinheiros, tivemos uma das conversas mais lindas sobre a vida. Foram horas, porém sentidas como minutos ou até mesmo segundos; não notamos o tempo passar. Apesar dos imprevistos, pois neste período estava trabalhando na recepção e, nos finais de semana, na pizzaria La Bella Itália. Minha vida estava corrida, mas mesmo assim, conseguimos viver um momento de troca de experiências. Foram histórias e emoções revividas, um encontro de almas parecidas, pois durante a conversa eu me via nela, como se ela fosse um espelho da minha própria alma. Me senti parte da reportagem vivida por Sirlei. Falamos sobre amores, dores, lutas, família, decepções, doença, festas e sobre nossa vida espiritual. Nosso encontro foi marcado, pelas músicas do “Bar da Lagoa” eram reproduzidas da mesma forma que a entrevistada voltava no tempo. Muito interessante. Ouvimos Raça Negra, Zeca Pagodinho, Zezé Di Camargo e Luciano, Os Monarcas e entre outras canções.

5.3 SINALIZADORES DE PAUTAS

Ao refletir sobre a narrativa de viagem de Sirlei, lembrei dos estudos de Lima (2009), de que a interpretação do real é aumentada significativamente quando o receptor universaliza o conhecimento. De acordo com o autor, os pensamentos de

Luiz Beltrão reafirmam que quando isto acontece, o conhecimento do público também é ampliado, crescendo também a capacidade de compreensão da mensagem.

Para finalizar, a reportagem vivida através das vivências de Sirlei, me fizeram acreditar que nossa visão de um mundo mais justo e igualitário é totalmente possível, quando conseguimos cumprir a missão de transmitir a mensagem para a sociedade. Sugestões de pautas:

- As influências femininas no ambiente de trabalho;
- A importância do diálogo aberto no relacionamento conjugal;
- A visão e o comportamento da sociedade com relação à sogra;
- O papel dos pais na formação dos filhos;
- Os conflitos de pensamentos entre mães e filhos;
- As contribuições da mulher tradicional em uma sociedade contemporânea;
- Uma sociedade sem filhos: mais casais optam por não ter filhos;
- O aborto e a mulher do século XXI;
- A formação das famílias na atualidade.

5.4 MULHER AMÉLIA

“Eu-Mulher”

*Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas.
Meia palavra mordida
me foge da boca.
Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo
Antes – agora – o que há de vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo*

do mundo.

Conceição Evaristo

Em uma das primeiras tardes chuvosas do inverno da Serra Gaúcha, na cidade de Farroupilha. Por aqui, o frio parece “coisa de outro mundo”, ao qual jamais me acostumo. Vou até aos aconchegos do apartamento de minha entrevistada, pois é lá seu lugar preferido, me conta ao decorrer de nossa conversa... Chego no condomínio onde ela mora, perto das 17 horas; mandou uma mensagem para avisá-la que estou no seu portão. Minutos depois, ouço a voz de uma mulher a cumprimentar todos que passam em sua direção. Neste dia, a chuva era incessante, ela usava um guarda-chuva todo colorido, que combinava com alegria de sua alma. Imagine comigo uma mulher feliz, espontânea, de bem com a vida, que transcende uma energia positiva, capaz de contagiar todo ambiente e as pessoas ao seu redor. Pois bem, não tem melhor definição de Cátia Soutier.

Descendente de francês, Cátia, nasceu em Caxias, mas ainda bebê, se mudou com seus pais para Farroupilha. Ela conta que há cerca de 30 anos, a cidade era muito pequena, o que mais se notava eram árvores e mato. Começou a trabalhar aos 13 anos, cresceu ao lado de seus irmãos que não eram poucos; a família era entre 10 irmãos. Desde pequena, Cátia aprendeu com sua mãe, Conceição, a cuidar das pessoas e das coisas, com muita dedicação. Sentada no sofá de sua casa, ela me conta que, quando criança, não teve oportunidade de seguir os estudos, mas que não sentiu falta de ter continuado, pois a vida ensinou correr atrás e aprender por conta própria. Sempre foi disposta a agarrar as chances que apareciam e tirar o máximo de conhecimento possível. Na adolescência, Cátia foi convidada a trabalhar na casa de Noemi, cuidando de seu filho Nando. No porão da casa de Noemi, tinha um bar. Foi lá que Cátia conheceu seu esposo Alcir. Ela me contou que foram bons anos, ao lado dele, apesar de tantas coisas que pesam em um relacionamento, Cátia, teve dois meninos, Alan e Luan. Antes deles, ficou grávida de uma menina, porém, foi constatado através da ecografia, que ela tinha problemas de formação do cérebro. Na esperança de mãe, mesmo sabendo que sua filha não sobreviveria muito tempo fora da barriga, Cátia manteve a gestação até o último mês. Ela conta emocionada que foi um momento muito delicado. Na gestação posterior, do seu filho Alan, ela foi diagnosticada com síndrome do pânico e

depressão na gravidez, pois tinha medo de perder seu filho, mais uma vez. No dia em que Alan estava para nascer, os batimentos de Cátia chegaram a 185 por minuto.

É possível sentir o que ela sentiu? Mãe de segunda viagem, tendo sua primeira interrompida pelos trágicos imprevistos do percurso da vida; estava ela sem segurar sua ansiedade, esperando apenas tomar seu filho pelos braços. Depois de sentir o calor de seu filho, ela nunca mais tomou remédio para depressão. Das três gestações, a do seu caçula, Luan, foi a mais tranquila. Com um certo alívio, em suas palavras, Cátia conta que, quando pegou ele no colo, teve a sensação de uma paz infinita, até sentiu seu pulso, pois nem seu coração sentia bater, pois mais parecia um sonho. Apesar das turbulências que ser mãe trouxe, ela se arrepende de não ter mais filhos, assim como sua mãe. Segundo Cátia, não tem prazer maior que ter filhos e ser chamada de mãe.

Há acontecimentos que nos marcam, mudam nossa vida, nossa forma de viver. Ela diz que depois que você é mãe, você pensa no seu filho, em primeiro lugar. “Quando a mulher é mãe você tem que pensar nesse mundo para os seus filhos. Você pensa em ser mais generosa, mesmo sabendo que nem todos serão. Quando você tem filhos, você não quer bandido na rua, para assaltar seu filho, nem os filhos dos outros. Lembra que um dia assistiu na televisão, uma mulher falar que, quando uma mãe perde um filho, todas as mães perdem também. É verdade! Ela sabe como é triste perder um filho. “Ser mãe lhe dá possibilidades de se colocar no lugar do outro”, afirma Cátia.

Cátia, a mulher alegre, diz que sempre teve prazer em limpar as coisas, passou boa parte de sua vida, cuidando dos lares de diversas famílias. Segundo ela, contudo, foi nas experiências dentro da empresa de malhas Anselmi, que se tornou ainda mais independente de tudo, inclusive de seu esposo. Lá ela teve a oportunidade de crescer, porque ela era dedicada e disposta a trabalhar e aprender novas funções. Começou como remalhadeira, depois foi para outras funções, até chegar na tecelagem. Cátia contou que era um trabalho direto com máquinas italianas computadorizadas. Acabou tendo estabilidade e adquirindo conhecimento com a tecelagem; seu salário aumentou. Na Anselmi, Cátia ficou sete anos, até o momento que teve que sair do trabalho, por motivos de conflito em casa; seu marido achava errado mulher ganhar mais que o homem. Então, ela preferiu abrir mão de

seu emprego e voltar a vida de doméstica, assim não tinha conflito em casa, pois ia ter um salário inferior ao marido.

Na vida nada é perfeito. Nos relacionamentos há brigas e muito desentendimento, no casamento de Cátia não era diferente. Ela se declarou “uma mulher frustrada”. Com sorriso nos lábios, carregando no olhar toda sensibilidade de mulher, ela sorri, ao comentar: “Eu era uma Amélia que ele (esposo) vivia me podando para não crescer”.

Durante sua vida, Cátia sempre gostou de estar perto de jovens. Ela ainda fala aos risos que nada mudou da moça que era, para a mulher madura que se tornou, aos 42 anos. Hoje, ela trabalha como auxiliar de limpeza em uma academia, onde a equipe é praticamente formada por jovens, dos quais ela recebeu influências e opiniões que contribuíram na sua decisão de terminar seu casamento que pendurava 25 anos. Para recém divorciada, amor de casal não tem nada ver com suportar os erros do marido. Ela ainda diz que demorou 25 anos para perceber que ela aceitava demais os erros, e que isso lhe deixava completamente infeliz. Antes da separação, nos últimos tempos, estava quieta no trabalho, não tinha a mesma disposição para fazer seu trabalho, muito menos de fazer alguma coisa para ela. Todos perceberam sua mudança de comportamento, inclusive seu chefe. “As mulheres não suportam mais como antigamente Cátia. Minha namorada, por exemplo, se eu não corresponder ao que ela deseja, me dá um pé na bunda”. Ela recorda os conselhos de seu chefe, enquanto limpava o banheiro masculino.

Tudo influenciou sua decisão, seu trabalho, a postura dos jovens que costumavam estar ao lado, assim como o modo com que eles tomavam suas decisões, pensando no bem de si mesmos, em primeiro lugar. Foi assim que a necessidade de ser feliz nasceu em Cátia. “Tem alguma coisa me chamando nesse universo. Eu preciso mudar minha vida”.

Durante nossa conversa, percebi o quanto Cátia se sentia confortável e feliz, no sofá da sua sala de estar; escutando músicas dos anos 1990. Madonna é sua cantora preferida. É notável que ela é uma pessoa querida, pois enquanto ela recordava os momentos que marcaram sua vida, as amigas não paravam de ligar. Quando casada, nunca teve amizades, mas agora consegue marcar encontros com suas amigas, viajar para qualquer lugar. Como ela disse, pretende viver os próximos 25 anos feliz. Nada mais impede a mulher Amélia de crescer lindamente.

5.5 BASTIDORES DO ENCONTRO

Lembro como se fosse ontem, como conheci Cátia, por quem guardo profunda admiração, ainda mais depois desta conversa. Eu tinha acabado de começar a trabalhar na recepção da academia, vi ela chegar e, todos os professores da academia falaram: “chegou nossa mãe Cátia!”. No início pensei que fosse alguma brincadeira, mas depois, com o tempo percebi que o universo feminino daquela mulher mexia com os sentimentos de todos na academia, seja pela sua alegria ao ajudar, ou pela ternura que ela tinha ao fazer um gostoso bolo de chocolate para a equipe. Que mulher sensível!

E ela nunca parava; limpava o tatame das lutas marciais, em seguida já estava fazendo café, sem falar sobre a organização impecável dos banheiros. Em qualquer horário do dia, lá estava Cátia pelos cantos da academia, a observar cuidadosamente se havia ou não sujeira. A vassoura, o pano de lavar e o aspirador de pó eram suas poderosas armas. Sem contar, a sua genialidade em cuidar da máquina de café que me dominava e não queria nem saber de mim; só funcionava com a Cátia. Sempre agiu com uma ternura de mãe, nem me conhecia direito, e abriu as portas do coração ao receber uma estranha, dando toda hospitalidade que precisava para me adaptar ao novo trabalho. Não é apenas comigo e com os colegas de trabalho, Cátia é assim com todos os alunos da academia. Gosta de uma conversa, adora parar o que está fazendo, como deixar o aspirador de pó no meio da academia, a tarde toda, por exemplo. Eu trabalhava de manhã, por isso, por volta das oito horas, lá chegava ela, a mulher Amélia, parecia que sua alma cantava notas de felicidade toda manhã ao abrir a porta da recepção.

5.6 SINALIZADOR DE PAUTAS

As marcas deixadas pelo encontro com Catia Soutier me fizeram refletir sobre o quanto a sensibilidade de uma mulher simples pode agregar em um repórter em formação. Logo, lembrei das palavras de Lima (2009), que as aventuras da narrativa se compõe na boa leitura, e que precisa narrar o real de forma dinâmica. Tudo que está sendo transmitido seja através dos movimentos ou dos sentidos, e que podemos sensivelmente captar deve ser reverenciado nas narrativas de viagem. Nesta narrativa, segundo Estés (2019), refletir sobre a mulher como fonte de

sabedoria, é achar nela o acúmulo de experiências que o anos trouxeram, o conhecimento sobre a vida e que é passado de mãe para filho(a).

Enfim, a reportagem vivida por Catia me fez compreender de que as pautas associadas à essência da mulher simples, deve ser considerada uma pauta relevante em qualquer época, independente das circunstâncias sociais, políticas e econômicas da sociedade. As sugestões de pautas são:

- A doméstica aos olhos da sociedade;
- A valorização do trabalho doméstico;
- A mulher e suas múltiplas atividades
- A visão dos homens sobre o crescimento da presença feminina no mercado de trabalho;
- Os impactos do divórcio para a sociedade;
- O machismo em casa, no trabalho e na rua;
- As diferenças entre os comportamentos da mulher e do homem no trabalho;
- A exposição do relacionamento conjugal nas mídias e suas influências;

5.7 MULHER PÁSSARO

Ser mulher

*Ser mulher, vir à luz trazendo a alma talhada
para os gozos da vida; a liberdade e o amor;
tentar da glória a etérea e altívola escalada,
na eterna aspiração de um sonho superior...
Ser mulher, desejar outra alma pura e alada
para poder, com ela, o infinito transpor;
sentir a vida triste, insípida, isolada,
buscar um companheiro e encontrar um senhor...
Ser mulher, calcular todo o infinito curto
para a larga expansão do desejado surto,
no ascenso espiritual aos perfeitos ideais...
Ser mulher, e, oh! atroz, tantálica tristeza!
ficar na vida qual uma águia inerte, presa
nos pesados grilhões dos preceitos sociais!*

Gilka Machado

O amor é a maior expressão de vida do ser humano. Por amor trocamos tudo; vamos para lugares desconhecidos, enfrentamos os maiores desafios de nossas vidas, porque quando é amor estamos completamente dispostos a realizar

as maiores loucuras. Foi o que me despertou curiosidade em conversar com Sandra Fabiola Lima Melgar. Ela nasceu em Santa Cruz de La Siera, na Bolívia. Professora de espanhol na escola de idiomas Talkers, em Farroupilha. Ela é o perfil feminino com maior sensibilidade e atitude, que tive a honra de conversar.

Na recepção da escola, aguardava o encerramento da sua última aula do dia. Neste mesmo instante, observava os alunos se despedindo – intercambistas da Rússia, Suíça, empolgados para conhecer Farroupilha – existem muitos lugares lindos perdidos pela cidade, que nunca nos chama atenção, basta um olhar de fora, para perceber a beleza que existe por aqui.

A tarde de sábado estava perfeita, ventava, mas o sol estava radiante. Fomos conversar na Praça da Igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus, construída em 1932, no centro de Farroupilha, com belíssimo jardim, que, por sinal, estava exuberante neste dia. Na realidade todos os dias a praça está linda, mas nem sempre paramos a loucura de nossa rotina para ter uma observação sensível. Tudo estava em harmonia: as árvores, as flores, os pássaros, as crianças brincando, os religiosos em oração, os passageiros a espera do ônibus, os comerciantes de rua vendendo para sobreviver. Enquanto, nossa conversa gerava voltas e mais voltas em torno da praça, cidade se fazia presente o tempo todo.

Você já conheceu alguém que escolheu ser feliz, sem precisar ter um motivo especial? Sandrita, como costuma ser chamada pelos mais próximos, é esse tipo de pessoa. Segundo suas próprias teorias, ser feliz não envelhece a alma, e isso faz transparecer em sua fisionomia. Fiquei surpresa, quando me contou que estava com 33 anos de idade. As mulheres procurando cada vez mais tratamentos rejuvenescedores, sendo que não precisam de muito, basta procurar ser feliz todo dia.

Na Bolívia, a professora de espanhol, passou oito anos voando entre as nuvens, trabalhando como aeromoça. Depois resolveu morar nos EUA, onde trabalhou em uma empresa telefônica. Sandra partiu de Santa Cruz De La Sierra conheceu países da América Latina até os Estados Unidos. Viajou pela Europa também, mas foi no México, em Cancun, que conheceu seu esposo, pai de sua filha.

Os olhos de Sandrita brilharam e, sem perceber, acabou sorrindo ao falar de seu esposo, José Manuel Rodrigo. Ele foi completamente um cavalheiro. Desde sempre, a tratou com muito carinho e cuidado. Sandra define que foi um encontro de almas; e o namoro foi apenas acontecendo naturalmente. Depois de seis meses de

relacionamento, José convidou-a para vir ao Brasil, pois aqui tinha sua empresa, no ramo de embalagens para alimentos nacionais e importados. Sandra foi corajosa, largou seu trabalho, seu carro novo, todas as suas conquistas para viver com seu José, em Farroupilha.

Uma relação onde os sentimentos não foram medidos com o tempo, mas sim pelo amor recíproco que os envolviam. Os primeiros anos foram os mais difíceis, Sandra estava grávida de Emma, sozinha e longe da família. “Aqui, é uma região difícil de construir amizades, ainda mais sendo estrangeira”. No país natal de Sandra, existem fraternidades que se reúnem durante a semana, entre amigos, família, solteiros, por exemplo.

Com o tempo, ela foi se adaptando, e para lhe apoiar, sua mãe Maria Maddy Melgar Justiniano, veio visitá-la várias vezes. Ao começar a falar de sua mãe, Sandra, sutilmente respira fundo, e se emociona, ao recordar momentos com sua “madre”. A saudade aperta seu coração, e ela recorda por segundos de Maria, a mulher mais forte e inspiradora de sua vida. Lembra do carinho, das conversas, das comidas e da presença maternal. “Eu lembro da minha mãe e parece que falta algo na minha casa”. Entre tantas recordações, Sandra volta a sorrir, quando conta que sua mãe sonha em morar no Brasil. Percebo que é só questão de tempo, para um sonho tão lindo tornar-se realidade.

Antes de ser mãe, o mundo era festas, viagens, amigos, e todos os seus pensamentos eram voltados à ela mesma. A partir do nascimento de sua filha, Sandra brinca, “meu chip trocou, quando minha filha Emma nasceu”. As prioridades mudaram, os pensamentos, agora, tinham nome e sobrenome – Emma Rodrigo. “Quando você é mãe, você pensa em primeiro lugar no seu filho. Precisa estar consciente de que tudo que você faz reflete nos filhos”. Emma é uma criança bilíngue, muito esperta, imita tudo que sua mãe faz, seja na hora de organizar seus brinquedos até colocar sua boneca para dormir, em tudo, segue os passos de sua mãe. Apesar de Emma nascer no Brasil, ela precisa ter uma infância que se sinta confortável, por isso Sandra se preocupa estar sempre muito presente na rotina de sua filha. Dessa maneira, Emma consegue crescer, conservando os ensinamentos a respeito da Bolívia e do Brasil.

Sandra conheceu outras cidades brasileiras, como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, ela descreve que existem lugares com um nível de pobreza assustador. Na Bolívia, a pobreza também assusta; as crianças se drogam,

com cola de sapatos, esta que os bolivianos chamam de “Clefa”, tudo para elas enganarem a própria fome e esquecer sua triste realidade. Para Sandra, isso é um problema de todos, mas que a maioria não faz nada para combater, além de muitos contribuírem fomentando ainda mais este problema social.

Há mais de três anos, Sandra mora em Farroupilha-RS, e poucas foram as oportunidades de trabalho que recebeu. “As pessoas não recebem estrangeiros de braços abertos, dificilmente lhe dão uma oportunidade. A Serra Gaúcha é muito fechada ainda”. Muitos lugares exigiram de Sandra experiências anteriores em empresas brasileiras, mas ela afirma: “como você vai oferecer algo que ainda não tem, pois acabou de chegar no País”. Lembra que esse problema é o mesmo que todo estrangeiro enfrenta, quando chega no território brasileiro, “mas o que ele precisa é apenas de uma oportunidade, o que muitas vezes faltou em seu país de origem”, salienta. Sandra acredita que nosso diferencial deve ser o acolhimento - a mão que estende para ajudar um estrangeiro pode fazer toda diferença para ele. “Se você não tem estabilidade para sua gente, pior será para um estrangeiro. O Brasil recebe muitos imigrantes, mas existe muita pobreza no país. Se eu tivesse dinheiro e lugar lotava minha casa de imigrantes e crianças”.

Depois que Sandra se tornou mãe, sua sensibilidade aumentou e a preocupação com o próximo também, especialmente quando se trata de crianças com vulnerabilidade social, em curtas palavras, sem família. Ela finaliza: “Ser mãe faz você entender o significado de ser uma pessoa mais sensível com os semelhantes”.

5.8 BASTIDORES DO ENCONTRO

No final de 2018, quando conheci Sandra, era recepcionista da academia R1 Arena Fitness. Ela chegou até a recepção e, quando começou a falar, logo percebi que era estrangeira. Falou gentilmente comigo com a mesma leveza de sempre. Perguntou-me sobre os planos, valores e horários da academia. Em pouco tempo, Sandra já se tornou aluna da academia. Meu contato sempre foi “bom dia”, “olá, como vai”, coisas de recepcionista. O que mais chamava minha atenção era seu comportamento, marcado pela serenidade na fala, pelo fato de que ela nunca mudou seu tom de voz e pelo seu lado maternal, encantador. Sempre tive a curiosidade de entrevistar um imigrante, para conversar sobre sua vida, seu país, sua cultura etc.

Acompanho Sandra pelas redes sociais, sempre demonstrou sua rotina com a família, especialmente os momentos que passa perto de sua Emma. Sandra sempre fez questão de interagir com sua filha e torná-la participativa nas atividades do dia a dia. Faz compras no supermercado, faz comidas, faz passeios, tudo com Emma. Ensina sua filha a colocar suas bonecas para dormir. Durante a entrevista, Sandra destacou que isso é importante para a sua filha os valores e deveres da vida. Mãe é um espelho dos filhos. Sandra e milhares de mães que compartilham da mesma opinião estão cientes de sua missão maternal.

Dias anteriores à entrevista, a pequena Emma estava de aniversário, completou dois anos. No sábado em que conversamos, Sandra estava preocupada com Emma, pois estava se recuperando de pneumonia, devido às mudanças de temperatura e de clima. Antes de começar a entrevista, Sandra contou sobre suas últimas viagens, algo que sempre faz, quando pode. Por último, visitou algumas ilhas do Oceano Pacífico, foi assistir um casamento na Colômbia e entre outras viagens. É coisa típica de professora de idiomas - adora conhecer novas culturas. Até me aconselhou a viajar, pois para ela não existe algo tão incrível e agregador.

Naquele sábado, Sandra tinha saído mal agasalhada da escola onde trabalha, estava tremendo. Dizem que o frio une as pessoas, pois bem, ficamos próximas, ao ponto de uma pegar o braço da outra para espantar aquele frio. Funcionou. Não vimos as horas passarem, muito menos sentimos frio. Percebi que Sandra tem um carinho especial pela cidade, ao decorrer da entrevista ela olhava para as pessoas, olhava para tudo ao seu redor com ternura. Como se a cidade estivesse dentro de si mesma.

5.9 SINALIZADOR DE PAUTAS

Minhas percepções como jornalista, a partir deste perfil me ensinaram a refletir sobre minha fonte de inspiração ao estruturar as narrativas. Segundo Cremilda (2008) é muito importante buscar “as musas do comunicador”, que devem ser encontradas na Literatura. Muitas vezes, vem das “narrativas artísticas”, provindas do cinema, da fotografia ou do teatro, por exemplo. Utiliza-se das diversas obras literárias para atingir o fim desejado nas narrativas de viagem. Em outras palavras, o esforço realizado é necessário para “humanizar as circunstâncias”, conclui autora.

Por fim, as reportagens vividas através das experiências de Sandra Lima me sugeriram as seguintes pautas, levando em consideração o contexto social, econômico e político do período atual:

- Valorização da cultura local;
- Comportamento: valores e princípios passados de mãe para filho;
- A importância das pluralidades culturais: desterritorialização das divisas;
- As dificuldades de um estrangeiro no Brasil;
- Desemprego: como afeta os estrangeiros;
- Como combater a pobreza e ao mesmo tempo comportar imigrantes;
- Imigrantes: o que o País tem a oferecer?;
- As influências da imigração na economia brasileira.
- Oportunidade de emprego e os preconceitos com imigrantes;

6 O DIÁLOGO QUE FOI POSSÍVEL

Mergulhar nos fatos por meio do universo feminino, mergulho este que Lima (1996) orientou - que seja feito em profundidade nos acontecimentos para redescobrir arte da narrativa. Dito isto, é minha missão resgatar através da Jornalismo Literário Avançado a história das pessoas como forma de corresponder aos anseios da sociedade.

O que buscamos nas entrevistas, e o que foi encontrado diz respeito ao que Medina (2012) chama de “Diálogo Possível”, um método de entrevista jornalístico capaz de levar o entrevistado as sensações de mergulho nas quais ele sonha, recua avança e se perde na noção de tempo espaço. Nestes casos, o repórter, se tiver empatia por conversas em formato de diálogo aberto, ele também acompanhará o mergulho na mesma profundidade. O repórter é como um artista, precisa perceber que, para conseguir interpretar a realidade do homem, precisar deixá-lo se aventurar em sua própria história. Autora ainda questiona:

Por que insistir no imaginário, se este é o domínio da arte por excelência? Diz-se: o domínio do Jornalismo é o do real aparente e imediato. Mas, ao se tratar do Homem, seja ele personagem ficcional, ou fonte de informação, não há como desvincular essa ambiguidade entre o real e o sonho, o objetivo e o subjetivo. Mesmo que se trate da notícia de sobrevivência imediata. Desde milhões de anos “para sobreviver é necessário interpretar o mundo” (Milton Greco). (MEDINA, 2008, p. 45).

Com a mesma precisão da autora, busquei na prática tornar possível o diálogo entre entrevistadora e entrevistada. E, pelas histórias contadas, o primeiro sinalizador era de que os perfis jornalísticos forneciam suprimentos para desenvolver pautas relevantes à sociedade.

Depois, obtemos sinais de que através do resgate das narrativas, os acontecimentos dentro da reportagem, seguiam uma ordem natural e cronológica. Conforme Bahia (1990), isso significa que os relatos foram narrados sequencialmente, ajustadas conforme observações durante a entrevista. Então, esta pesquisa não utilizou da Pirâmide Invertida para tratar de narrar as histórias, também não deu mais espaço e destaque aos fatos de maior significação. Para o autor este tipo de organização noticiosa das narrativas carrega importância do começo ao final.

De fato, as pautas brotam de cada entrevista, isto acontece de uma forma natural. Mas como percebê-las e captá-las? Apenas um repórter sensível às suas próprias observações tem a resposta. Segundo Medina (2008), o jornalista precisa ter uma “sensibilidade diferenciada”, precisa “sentir quem é o outro”, e ter uma visão aberta sobre as percepções da entrevista.

Um dos mais importantes sinalizadores referem-se à maneira que as pautas brotaram durante a entrevistas. As entrevistas realizadas neste trabalho são:

- ALMA DE MULHER;
- MULHER AMÉLIA;
- MULHER PÁSSARO.

ALMA DE MULHER: As experiências obtidas através das narrativas sobre a vida de Sirlei Spech, me provocou a pensar sobre a condição das mulheres tradicionais na sociedade atual. Este perfil traz questões sobre o empoderamento feminino frente ao mercado de trabalho; os conflitos conjugais; e o papel dos pais na formação dos filhos.

MULHER AMÉLIA: A reportagem vivida por Catia Soutier representa a típica mulher dona de casa que busca liberdade após 25 anos sendo reprimida pelos hábitos conservadores da sociedade. Este perfil de mulher me fez pensar em aspectos sociais como possíveis pautas: machismo; desigualdade de gênero; as influências da sociedade contemporânea sobre os modelos tradicionais.

MULHER PÁSSARO: As narrativas de viagem sobre a boliviana Sandra Lima revelam as dificuldades, os preconceitos e as superações que enfrentam os imigrantes ao chegar em solo brasileiro. O perfil desta mulher me leva a refletir sobre a realidade que, muitas vezes, não damos importância. Os relatos de Sandra, me fizeram entender que é preciso falar ainda mais da pobreza, da fome, do desemprego, das discriminações raciais e étnicas e da desvalorização da cultura local.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS: SEGREDOS DE UMA JOVEM PESQUISADORA

*“Somos todos frutos de um ventre acolhedor.
E do querer de uma mulher, o doce querer,
o amor incondicional de uma mulher.
O amor incondicional de mãe.”*

Roberto Carlos

Como foi caminhar até aqui? Quantas pedras encontramos no caminho?

Acima de todas as considerações, descobri um novo ser dentro de mim, mais atenciosa, mais amorosa, mais observadora, mais sensível. De fato, eu, pesquisadora. Estou completamente apaixonada pelo campo e pelos entrelaçamentos da pesquisa. Agora, as palavras de Baptista (2014) fazem todo sentido, compreendo o significado de “paixão-pesquisa”. Até o presente momento em que escrevo os momentos finais deste estudo, garanto como o sol que ilumina e a água que mata sede; valeu a pena cada minuto dedicado a esta pesquisa.

Sinto em ter que escrever as palavras finais, pois queria que fosse como os seriados, e tivessem mais “temporadas de monografias”. Muitas vezes, é exaustivo fisicamente, contudo não existe satisfação maior para si mesmo, do que ver seus próprios estudos lhe demonstrarem novos e potenciais caminhos. Ainda mais quando sua pesquisa é agregadora para a vida de outras dezenas de milhares de pessoas; já não é uma vitória exclusiva sua, mas sim uma conquista, nesse caso, social.

Preciso dizer que escrevi esta pesquisa, em meio às turbulências do meu próprio universo feminino, me dividindo entre as muitas tarefas de estudante, filha, funcionária, me debatendo para viver e ajudar a família, me ‘formar’ em sentido amplo. Entrego o texto porque o tempo acabou, acreditando que, como produção, ele conta uma história de aprendizado rico, como aprendizado, sempre inacabado, assim dizemos no Amorcomtur!.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Cartografia de Saberes na Pesquisa em Turismo: Proposições Metodológicas para uma Ciência em Mutação. **Rosa dos Ventos**, v. 6, n. 3, p. 342-355, 2014.

VIEZZER, Moema. **Se me deixam falar**. São Paulo: Ed. Helvética, 1979.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri, São Paulo: Manole, 2009.

LIMA, Edvaldo Pereira (Coord.). **Econautas**: ecologia e jornalismo literário avançado. CanoasRS: Universidade Luterana do Brasil, 1996.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

MEDINA, Cremilda de Araújo,. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 2008.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **A Ciranda das Mulheres Sábias**. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. 2.ed. São Paulo: Summus, 1986.

THUM, Carmo. **Educação, história e memória**: silêncios e reivindicações pomeranas na Serra dos Tapes. 384 f. Tese (Doutorado em Educação). São Leopoldo: UNISINOS, 2009. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/2087/CarmoThumEducacao.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

LIMA, Sandra Lúcia Lopes. **História e Comunicação**. São Paulo: EBART, 1989.

MOREIRA, Rejane. Comunicação como Encontro: Jornalismo e Narrativa no Cultivo de Processos de Mediação. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 39., 2016, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0364-1.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Rio de Janeiro: Mauadx Editora Ltda, 2006.

MONTIPÓ, Criselli. Jornalismo, ética e humanização: reflexões sobre a trípletessitura. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 34., 2011,

Recife. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1228-1.pdf>>.

Acesso em: 09 abr. 2019.

OREJIVERDE, Site El. **La Abuela Margarita**. 2017. Disponível em:

<<http://www.elorejiverde.com/buen-vivir/2659-la-abuela-margarita>>. Acesso em: 25 abr. 2019.